

UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE
FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS

CURSO DE SOCIOLOGIA

PROJECTO DE PESQUISA

"Roupa Africana e Identidade na Cidade de Maputo"

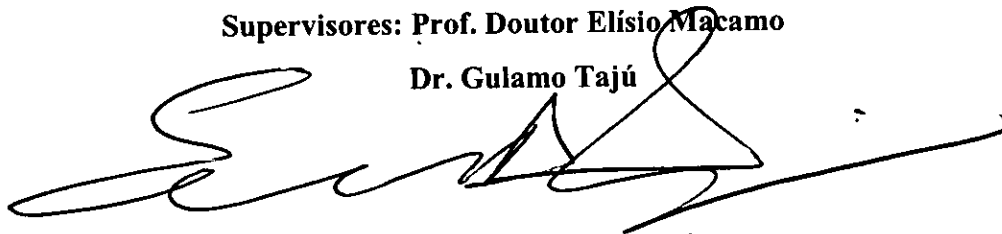
Projecto de Pesquisa apresentado em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para a obtenção do grau de licenciatura em Sociologia na Universidade Eduardo Mondlane.

U.E.M. - UFICS
R. E. 4412
DATA 12/07/05
AQUISIÇÃO oferta
COTA SOC-12

Por: Crescência Luísa Alberto Nhamué

Supervisores: Prof. Doutor Elísio Macamo

Dr. Gulamo Tajú



Maputo, Março de 2004

Declaração de Honra

Declaro que este projecto de investigação nunca foi apresentado, na sua essência, para a obtenção de qualquer grau, e que ele constitui o resultado da minha investigação pessoal, estando indicadas no texto e na bibliografia as fontes que utilizei.

A declarante

Crescência Luísa Alberto Nhamué

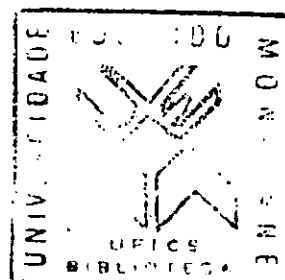
Dedicatória

Dedico este trabalho aos meus pais, Alberto Paulino Nhamué e Luísa Nhamué. Vocês são a minha fonte de inspiração, o meu suporte físico e psicológico. Obrigada por tudo.

Agradecimentos

Aproveito este espaço para endereçar os meus profundos agradecimentos a todos os que tornaram possível a realização deste trabalho, nomeadamente:

- Os meus supervisores, Elísio Macamo e Gulamo Tajú que orientaram científica e metodologicamente este trabalho e indicaram a bibliografia necessária para a elaboração do mesmo.
- A todos os colegas (principalmente a Carmen, Idalina, Nilza e Maurício), pelo encorajamento e esclarecimento de algumas dúvidas.
- Aos funcionários da Unidade de Formação e Investigação em Ciências Sociais (UFICS), pela facilitação dos livros e outros.
- Ao pessoal da revista "Tempo", pela disponibilidade e amabilidade.
- Ao senhor Alberto Timana de Centro de Documentação da Assembleia da República de Moçambique pelo apoio e disponibilização de fotos.
- Às minhas amigas, Carmen, Célia, Denise, Jeórgia e Emília. Obrigada pela força.
- Ao Josué, pelo companheirismo e colaboração incondicional na elaboração deste trabalho.
- Finalmente quero agradecer à minha família: Aos meus pais, Alberto Paulino Nhamué e Luísa Nhamué, por todo o apoio moral, paciência, compreensão, pelas contribuições valiosas e acompanhamento ao longo de todo o meu percurso académico. Aos meus irmãos, Lírio, Belarmino, Fernanda e Paulino, pela compreensão e apoio.



Resumo

Este projecto de pesquisa resulta da análise sobre o papel da roupa africana na construção identitária na cidade de Maputo. A partir da observação e identificação das pessoas que vestem este tipo de roupa (músicos, apresentadores de televisão, deputados da Assembleia da República e membros da OMM); da análise e cobertura fotográfica de eventos públicos reportados nas revistas "Tempo" entre os anos de 1980 a 2001 e de visitas, observação e diálogo com proprietários e clientes de estabelecimentos que comercializam a roupa africana na cidade de Maputo, foi possível estabelecer uma relação entre a roupa africana e a identidade africana reivindicada e configurada na sua forma de vestir em ocasiões próprias de alguns segmentos da nossa sociedade. Neste contexto, a roupa africana serve de elemento de afirmação identitária para essas pessoas. Esta afirmação identitária é observada em determinados momentos e segundo as pessoas em causa, são contextos apropriados para o efeito. Dai, conclui-se que ao agirem desta forma, elas, tentam gerir as impressões durante a interacção face a face. De salientar que, estas pessoas, desempenham actividades nas áreas política e cultural. Assim, quando estão desempenhando sua actividade, tentam encontrar mecanismos para manter uma correspondência entre esta, e o que as outras pessoas delas esperam. Então, vestir a roupa africana nos momentos em que desempenham sua actividade faz parte dessa correspondência. Neste processo, identificou-se um aspecto interessante que é o da distinção social. Através da identificação das condições em que este tipo de roupa é comercializada (qualidade, preços e localização espacial de lojas) e da posição social das pessoas implicadas na análise, foi possível encontrar elementos de diferenciação social na cidade de Maputo. Pela condição social e económica, distinguem-se pessoas que podem vestir a melhor roupa africana, daquelas que a vestem mas sem a mesma qualidade. É importante salientar que, a análise da roupa africana conduziu a necessidade de se explorar a influência do processo da globalização sobre a identidade. Por um lado, esta análise resultou da necessidade de justificar os motivos da proliferação de roupa africana de outras regiões do continente africano na cidade de Maputo. Por outro, resultou da necessidade de desconstruir o conceito de roupa africana, como resultado de relações culturais que, por sinal, são impulsionadas pelo processo da globalização.

Índice

Declaração de Honra	
Dedicatória	
Agradecimentos	
Resumo	
• Capítulo 1: Introdução-Apresentação e Justificação do Tema.....	2
• Capítulo 2: Revisão Bibliográfica.....	11
2.1: Contornos da Globalização e Identidade em Moçambique.....	19
2.2: Formulação da Hipótese de Trabalho.....	23
2.3: Conceitualização.....	25
• Capítulo 3: Metodologia de Pesquisa.....	28
• Capítulo 4: Roupas Africanas e Identidade na Cidade de Maputo.....	34
Capítulo 5: Conclusão.....	54
5.1: Breves Considerações.....	58
• Fontes.....	60
Bibliográficas.....	60
Revistas.....	63
• ANEXOS	

7

Capítulo 1

Introdução

Apresentação e Justificação do Tema /

“Roupa Africana e Identidade na Cidade de Maputo”

O presente projecto de pesquisa tem como objectivo analisar o papel da roupa na construção de identidades, isto é, até que ponto a roupa pode realçar a identidade. Nesse contexto, escolheu-se para análise a roupa africana. Com isso, pretende-se analisar e discutir o papel que a roupa africana desempenha na construção identitária.

Analicamente pretende-se saber, se as pessoas que vestem esse tipo de roupa o fazem por opção e com intenção de afirmar a identidade africana na sua maneira de vestir ou se existem outras razões que as faz agir assim. De salientar que, esta análise será feita na perspectiva das pessoas que vestem roupa africana na cidade de Maputo. Neste caso, escolheu-se para grupo alvo os deputados da Assembleia da República de Moçambique; os apresentadores de televisão; os músicos e membros da Organização da Mulher Moçambicana (OMM), por serem grupos que, quanto a questão em causa, se destacam na sociedade moçambicana.

Este objectivo é motivado pelo facto de se ter observado que nos últimos anos, precisamente entre meados e finais da década de 1990, a cidade de Maputo tende a proliferar de pessoas que vestem a roupa africana aliado ao acréscimo de estabelecimentos comerciais deste tipo de roupa.

Este fenómeno despertou a necessidade de uma análise, uma vez que, se notou serem determinadas pessoas e principalmente o facto de desempenharem actividades específicas em determinadas áreas sociais (política e cultural).

Interessante foi notar que ao agirem desta forma, de certo modo, essas pessoas se destacam entre as outras. Assim sendo, supôs-se que isso se devia, não só ao facto de a roupa africana ser diferente, como também muito cara em relação a roupa que a maior parte das pessoas veste.

Foi nesse contexto que se achou importante analisar sociologicamente essa questão uma vez que numa primeira análise feita,¹ percebeu-se que a roupa africana é um dos elementos que representa a identidade africana na sua maneira de vestir. Tanto quanto se pôde perceber através dos entrevistados, existem diversas formas de representar a identidade das pessoas e até de um povo, como é o caso da maneira de dançar, cantar, comer, falar, vestir, etc.

Desta forma, se questionou se a proliferação da roupa africana nesta cidade teria alguma relação ou não com a afirmação da identidade africana na sua maneira de vestir.

Esta questão foi assim colocada pois ainda não se havia apurado junto das pessoas que vestem a roupa africana as suas motivações. De outro modo, deixou-se a questão em aberto a fim de possibilitar a exploração de outras razões para o facto em causa que por sinal, poderia não ser a afirmação de uma identidade africana. Como antes se escreveu, essas razões também poderiam estar relacionadas ao facto de a roupa africana ser muito cara e, de certo modo quem a veste tender a marcar diferença. Então, as pessoas poderiam vestir esse tipo de roupa com a intenção de afirmar a diferença.

Adicionalmente, a necessidade de se comprovar a questão em causa levou a considerar várias possibilidades para a investigação do assunto.

Neste contexto, pensou-se na possibilidade de escolha de apenas um grupo alvo que poderiam ser somente os deputados da Assembleia da República ou então os músicos. Estas possibilidades foram eliminadas uma vez que se pensou que, como primeira análise

¹ Análise exploratória, na qual, foram inqueridas pessoas que vestem a roupa africana com certa regularidade.

do género, deveria ser mais abrangente. Quer dizer, se pretendia fazer uma análise geral sobre o assunto, englobando diversas áreas sociais, que de certa forma, mostraram interesse pela roupa africana.

Para comprovar as constatações, fez-se uma análise comparativa de revistas "Tempo" desde o ano de 1980 até 2001, principalmente dos meses de Abril, Maio e Junho. A escolha destes meses deveu-se ao facto de conterem datas especiais como são os casos do dia da Mulher Moçambicana que se comemora a 7 de Abril, o dia Internacional do Trabalhador que se comemora a 1 de Maio e o dia da Independência Nacional comemorado a 25 de Junho.

Por outro lado, as revistas destes meses facilitarão a análise do grupo alvo, visto serem meses, que de alguma forma, exigem o seu protagonismo. Nessas datas são agendados diversos convívios culturais e políticos. Estes aspectos facilitarão a análise do grupo alvo que, é composto por individualidades políticas e culturais. Nas datas em causa, são agendados comícios populares onde a presença dos políticos é indispensável. É também, nas datas referenciadas, que se realizam espectáculos musicais, desfiles populares, etc.

Desta análise notou-se que nessas revistas, a evolução da roupa na cidade de Maputo verificou-se em três épocas:

Primeira: Entre os anos de 1980 a 1986, nos quais, mais se destaca o uniforme militar como traje por parte dos políticos e os fatos civis.

Segunda: Entre os anos de 1987 a 1994, onde o uniforme militar deixa de ser frequente ficando somente a roupa civil e os fatos simples.

Terceira: A partir de 1994/5 até 2001. Nesta época a proliferação da roupa africana é notável através do número cada vez mais crescente de fotografias que mostram pessoas assim trajadas.

Segundo as ilustrações fotográficas das revistas analisadas entre os anos de 1980 a 1994 a roupa africana não era frequente². A frequência desse tipo de roupa inicia a partir de 1995 tendendo a aumentar cada ano.

É também importante salientar que, para o desenvolvimento do tema proposto foi feita uma revisão bibliográfica e um trabalho empírico.

Para a primeira, primou-se pela revisão da literatura respeitante a questão da identidade relacionada ao processo de globalização no geral e no contexto moçambicano. Isto explica-se pelo facto de se ter notado que seria impossível falar-se de roupa africana que de certa forma evidencia a identidade africana, sem relacionar com a questão da identidade.

Do mesmo modo, seria impossível desenvolver a questão da identidade sem relacionar ao processo da globalização. Este processo, através dos seus diversos mecanismos, intensifica as relações no mundo e, permite que as diversas formas identitárias existentes se influenciem mutuamente.

Assim, constatou-se que a roupa africana que prolifera na cidade de Maputo provém de outras regiões de África e do mundo. Este facto é resultado da interrelação entre povos de outros países com os moçambicanos. Isso se torna num aspecto que pode ser tratado a luz do processo da globalização, visto que, este também implica relações entre formas identitárias e culturais distribuídas pelo mundo.

Por outro lado, o próprio conceito de roupa africana já implica a interrelação entre diversas formas de identidade e culturas existentes no mundo. Os modelos deste tipo de roupa, a maneira de vestir e as cores, evidenciam certas semelhanças com a roupa dos árabes, indianos e europeus. Estes são povos que outrora mantiveram e continuam mantendo relações com os africanos. Quer dizer que, de certo modo, nas suas relações se

² Isso não quer dizer que não existiam pessoas que apareciam vestidas com roupa africana. O que importa reter é o facto de a intensidade dessa tendência ter iniciado em meados da década de 1990.

influenciaram mutuamente em termos de hábitos e costumes, tendo também deixado as marcas de sua presença na roupa. Este processo de influências mútuas entre as diversas formas de identidade e de culturas existentes no mundo, é possível através do processo da globalização que, de certa forma, permitiu e continua permitindo a interrelação e o intercâmbio no mundo.

Foi pelos motivos acima escritos que revisão da literatura abarcou a questão da identidade relacionada à globalização. Quanto a esta questão, foram identificadas duas perspectivas teóricas que até certo ponto, são contraditórias:

A primeira perspectiva diz respeito aos teóricos que acreditam que actualmente se assiste a afirmação da identidade no contexto duma globalização que homogeneiza os valores. A globalização é vista como um processo que tende a criar uma relação desigual entre o ocidente e o resto do mundo em termos culturais, sendo essencialmente um fenómeno ocidental.

Segundo Santos (2001), "...actualmente questiona-se se o que se designa por globalização não deveria mais correctamente ser designado por ocidentalização ou americanização, já que os valores, os artefactos culturais e os universos simbólicos que se globalizam são ocidentais e, por vezes, especificamente norte americanos." Nesta óptica, a afirmação das identidades seria uma reacção à homogeneização.

A segunda perspectiva diz respeito a afirmação identitária num contexto de globalização que oferece oportunidades de afirmação às diferentes identidades.

Segundo Appadurai (1990), "... a globalização actual tornou-se mediatizada por um sistema de comunicação que promove de uma forma global os estilos, lugares e imagens, tornando as identidades separadas no tempo e no espaço mas com oportunidades de aparecerem e se promoverem."

Apesar de serem perspectivas teóricas contraditórias, é importante salientar o facto de ambas concordarem que, com o processo de globalização actual, as identidades estão relativizadas. O que se denomina de "local" já contém elementos nacionais e globais pois se criou a possibilidade de se partilharem identidades através das novas formas de comunicação. Desta partilha global de identidades resultou o que alguns teóricos (Hall:1992;Çaglar:1997) designam de "identidades híbridas". Estas novas identidades (híbridas ou crioulas) são o resultado da recombinação de identidades diferentes, lembrando o facto de já não existirem identidades fixas e fechadas.

Quanto a literatura moçambicana, notou-se que existe uma rica e extensa bibliografia respeitante ao assunto, destacando-se debates de nível macro e que primam por questões de carácter político e económico.

Foi no contexto da revisão de literatura que houve a necessidade de abordar o mesmo assunto mas num nível micro. Isto é, analisar o papel que a roupa africana desempenha na construção e afirmação quotidiana da identidade das pessoas e daí explorar os contornos da globalização.

Com isso, pretende-se analisar a forma como determinados grupos sociais da cidade de Maputo, gerem suas impressões no dia a dia. De salientar que estes, empregam a técnica de vestir a roupa africana numa tentativa de afirmar a identidade africana.

Paralelamente a este aspecto, notou-se que, de uma forma geral, a roupa africana é vestida em determinados contextos. As pessoas escolhem momentos determinados para vestir essa roupa, dando a entender que existem contextos apropriados para afirmar a identidade africana.

Estes aspectos determinaram a delimitação do **problema ou questão de partida**. Quer dizer, se as pessoas escolhem os momentos para vestirem a roupa africana torna-se importante analisar as razões para tal acto. Assim sendo, a questão é:

Quais seriam as razões que levavam certas pessoas da cidade de Maputo a vestirem a roupa africana?

Devido a forma de como se pretendia prosseguir com a análise, houve a necessidade de se recorrer a outras obras escritas. Estas, não privilegiam a questão da identidade relacionada à globalização. Tais obras foram de importância determinante no desenvolvimento deste projecto de pesquisa principalmente no concernente a questão da formação quotidiana da identidade das pessoas.

Foi por essa razão que se recorreu ao auxílio das teses de Goffman (1989), sobre a "representação" e de Bourdieu (1979) sobre a "distinção".

Segundo a tese de Goffman, durante a interacção face a face os indivíduos aplicam a sua capacidade criativa para gerir as impressões que deles se possa ter. Para este autor, todo o homem, em qualquer situação social, quando se apresenta diante dos seus semelhantes, tenta dirigir e dominar as impressões que possam dele ter, empregando certas técnicas para a sustentação de seu desempenho, tal qual um actor que representa uma personagem diante do público.

De salientar que se recorreu a esta tese porque inicialmente notou-se que são determinadas pessoas (músicos, políticos, apresentadores de televisão), relacionadas a áreas específicas de actividade (culturais e políticas) que mais vestem a roupa africana em determinadas ocasiões. Desta forma, supôs-se que estas agem assim, como forma de satisfazer as expectativas dos outros. Nessas ocasiões tentam ir de acordo com o que os outros deles esperam. Como pessoas ligadas a cultura e política, em determinadas ocasiões, devem aparecer publicamente vestidas com uma roupa que evidencia a identidade cultural do país ou do continente que pertencem e representam. De recordar que, as pessoas em causa são figuras públicas. Muitas das vezes que aparecem publicamente, pretendem transmitir uma correspondência entre a sua actividade profissional e a social³. Durante esse processo ocorre um fenómeno interessante o qual,

³ Segundo o que as próprias pessoas em causa nesta análise transmitiram nas entrevistas.

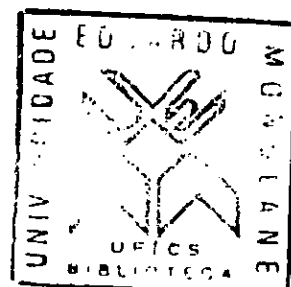
Bourdieu designa de "distinção". Segundo este autor, a distinção é uma forma de distanciamento (económico e social) de uma classe social em relação a outras. Para ele, existem ocasiões em que os indivíduos afirmam a posição que ocupam dentro do espaço social e que, os possibilita de se distanciarem de outras classes. Esse distanciamento é notável quando por exemplo, se analisa a decoração doméstica, a cosmética corporal e a forma de vestir.

O que levou a utilizar a tese de Bourdieu foi o facto de se ter notado que, a roupa africana que as pessoas em causa, no presente projecto vestem é diferente e cara. Esse facto permite que elas se distingam das outras, uma vez que, essa roupa não é acessível a todos. Com isso, o seu custo depende da qualidade e nem todos têm capacidades de obter a roupa africana de melhor qualidade. As pessoas em causa neste projecto, têm capacidades para obter a roupa africana de melhor qualidade e quando a vestem, nesses momentos específicos, distinguem-se das outras através da demonstração do seu poder social e económico.

O presente projecto de pesquisa está dividido em cinco capítulos nos quais são debatidos os seguintes assuntos:

O capítulo da revisão da literatura destaca a questão da identidade e globalização no geral e no contexto moçambicano. A nível geral e tendo em conta a definição de Giddens (1998), a globalização é um processo que consiste na intensificação das relações sociais a escala mundial. Deste modo, as ocorrências locais tendem a ser moldadas por acontecimentos que se dão a quilómetros de distância e vice-versa. Quanto a esse aspecto, foram identificadas as duas perspectivas teóricas atrás mencionadas.

No sub-capítulo referente aos "Contornos da Globalização e Identidade em Moçambique," verificou-se que, a maior parte da literatura moçambicana enfatiza as questões económicas e políticas sobre o assunto.



No âmbito económico o destaque vai para a globalização como marca hegemónica do capitalismo transnacional, ameaçando os estados desfavorecidos. Os países desenvolvidos impõem aos países em vias de desenvolvimento políticas de desenvolvimento que não vão de acordo com as especificidades e capacidades desses países, tornando-os cada vez mais pobres. Nas suas políticas de desenvolvimento os países desenvolvidos ignoram os valores e motivações sociais, religiosas e culturais dos países em desenvolvimento.

Politicamente, a questão da globalização e identidade não se desliga da económica. Segundo alguns autores moçambicanos, há uma necessidade de se encontrar elementos que fortifiquem a identidade moçambicana, pois esta tem sido ameaçada pelos mais diversos processos internos e externos. Os processos internos dizem respeito a tendência individualista que pretende fomentar o desenvolvimento individual a nível económico esquecendo os valores da moçambicanidade. A nível externo, é a ameaça causada pela globalização que tende a usurpar o espaço político nacional. A globalização incita a intervenção da comunidade internacional, pondo em causa a ideia da soberania.

No capítulo sobre "Roupa Africana e Identidade na Cidade de Maputo" são analisadas as informações recolhidas no terreno, tendo-se evidenciado o facto de a maior parte dos proprietários de estabelecimentos que comercializam a roupa africana serem estrangeiros, maioritariamente oriundos do Ghana. Os tecidos que confeccionam a roupa africana também provêm de outras regiões de África (Ghana, Congo, Guiné Conacry, Mali, Benin, Costa do Marfim, Nigéria, etc), da Europa (Holanda e Inglaterra). Do mesmo modo, os modelos confeccionados são copiados de revistas estrangeiras.

Capítulo 2

Revisão Bibliográfica

Neste capítulo será destacada a questão da identidade relacionada ao processo de globalização tanto no nível geral, como nos seus contornos em Moçambique. A nível geral, destacam-se duas perspectivas teóricas antagónicas sobre a questão em causa. A nível dos estudos moçambicanos, o destaque vai para as perspectivas que evidenciam a influência económica e política desse processo no país.

Primeiro, será feita uma pequena dissertação sobre o processo da globalização, isto é, sua conceitualização e suas origens. De seguida, far-se-á uma análise geral sobre a influência deste processo na identidade e finalmente se dissertará sobre suas insinuações no contexto moçambicano.

Para começar, é importante recordar que muitos autores concordam com o facto de que, quando se fala do processo da globalização, se está falando de um fenómeno multifacetado. Segundo Santos (2001), "...a globalização é um fenómeno multifacetado com dimensões económicas, sociais, políticas, culturais, religiosas e jurídicas interligadas de modo complexo, por isso, a sua definição não é definitiva." Mas para o presente projecto de pesquisa se enunciará a definição do processo de globalização feita por Giddens (1998).

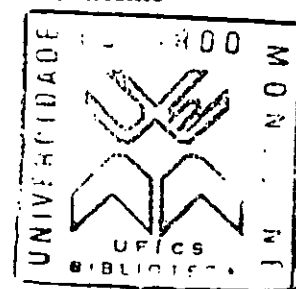
Segundo Giddens, "...a globalização pode ser definida como a intensificação das relações sociais de escala mundial, relações que ligam localidades distantes de tal maneira que as ocorrências locais são moldadas por acontecimentos que se dão a muitos quilómetros de distância, e vice-versa."

Sobre o processo da globalização, não existe consenso quanto ao seu início. Alguns autores tendem relacioná-lo com o surgimento de um outro processo chamado "modernidade". Quanto a isso, Giddens diz que de facto a globalização não é um

fenómeno recente uma vez que está ligado ao processo de "modernidade". Este último é respeitante "...a modos de vida e de organização social que emergiram na Europa cerca do século XVII e que adquiriram subsequentemente uma influência mais ou menos universal."

Quanto a questão da globalização e identidade, encontrou-se uma extensa bibliografia, tendo sido identificadas duas perspectivas teóricas contraditórias. Por um lado, estão aqueles que defendem a perspectiva de que actualmente se assiste a afirmação da identidade no contexto duma globalização que homogeneiza os valores. Estes teóricos acreditam que o processo da globalização cria uma relação desigual entre o ocidente e o resto do mundo. Este aspecto tende a torná-lo um fenómeno essencialmente ocidental uma vez que, o que se globaliza são os valores ocidentais. De outro, estão aqueles que defendem a perspectiva de que não se deve olhar para o processo da globalização como fomentador da homogeneização, uma vez que, ele oferece oportunidades às diversas formas de identidades de se afirmarem. Para os teóricos que defendem esta posição, existe a ideia de que com a globalização, a vida social tornou-se mediatizada pela globalizante rede de imagens dos media e dos sistemas de comunicação. Isso possibilita a promoção global de estilos, lugares e imagens tornando as identidades separadas no tempo e espaço mas com oportunidades de aparecerem e se mostrarem. Assim, diversas identidades confrontam-se e cada uma tem a oportunidade de apelar para si ou então para as diferentes partes que a compõem.

Do grupo de teóricos que defendem a perspectiva da afirmação das identidades como reacção à homogeneização resultante do processo da globalização, pode-se encontrar Ianni (1993). Segundo este autor, actualmente está em curso um novo ciclo do processo de ocidentalização do mundo e este processo é movido pela racionalização universal. Verifica-se aos poucos que em todos os lugares, regiões, países e continentes a despeito das suas diferenças sócio culturais que lhes são próprias, os indivíduos e as colectividades são movidas pela mercadoria, mercado, dinheiro, capital e lucratividade. Este processo é simultaneamente social, económico, político e cultural e que sempre se desenvolve de modo desigual. Ianni diz ainda que o processo que hoje se chama globalização é o mesmo



que antes era designado de capitalismo, só que, actualmente os detentores de poder são os países do ocidente uma vez que, estão na dianteira no que diz respeito a revolução informática baseada na conquista da electrónica. Este facto torna esses países donos do poder visto que, os fornece a capacidade excepcional de formar, informar, induzir e seduzir, talvez jamais alcançada anteriormente na mesma escala.

Na mesma linha de pensamento, pode-se encontrar Fortuna (1992). Este autor é um defensor da perspectiva "Teoria do Sistema Mundo". Segundo ele, este sistema não pára de se expandir desde o século XVI, vivendo um processo caracterizado pela sua longa e lenta imposição guiada pela crença na homogeneidade e universalização culturais. Essa imposição foi antes vista sob outras perspectivas e foram-lhe atribuídos significados diferentes de acordo com os contextos em que se desenvolve.

Para Fortuna (1993), na economia do sistema mundo capitalista encontrámos um sistema inter-estados e nela actuam diferentes estados nacionais em busca duma contínua consolidação ou melhoria das suas condições estruturais. Esses estados estão desigualmente equipados em função da sua situação geo-estratégica, poderio militar, alianças privilegiadas e recursos minerais, produzindo uma relação histórica de dominação/subordinação que se espraia. Neste contexto, a hegemonia mundial tem sido exercida por parte dos Estados Central que, em simultâneo por oposição aos seus pares, exibem vantagens comparativas superiores nos domínios económico, comercial, militar e financeiro. Os Estados Central expandem-se pelo mundo através de uma gradual incorporação de territórios e respectivos recursos humanos nos países designados de periféricos. Segundo Fortuna, a expansão do sistema mundo, actualmente representado pela globalização, está a criar uma explosão sem precedentes de particularismos culturais diversos. Dessa expansão, resultou a sujeição mais ou menos problemática de espaços culturais outrora relativamente autónomos. Verificou-se a sujeição de traços políticos e culturais específicos de diferentes nações a uma lógica super-ordenadora da economia e do sistema mundial, culminando na marginalização cultural desses traços políticos e culturais específicos. As construções culturais tendem a mostrar-se unificadoras face ao global e repressoras e distintivas face aos elementos identitários particulares.

Tal como Fortuna, Ianni acredita que o mercantilismo, sistema colonial, imperialismo, multinacionalização, mundialização e globalização, são diferentes formas e épocas que caracterizam o longo curso da história do capitalismo. Segundo Ianni, apesar de por um lado a globalização actual estar a generalizar-se e aprofundar-se como tendência, por outro lado está a enfrentar obstáculos. Os povos, os grupos, as nacionalidades ou sociedades não ocidentais, mais ou menos inseridos no processo global de ocidentalização, também possuem sua cultura e continuam a produzir culturalmente. Ianni acredita no ressurgimento de elementos da cultura dessas sociedades, apesar de ser um ressurgimento que adquire outros significados. Quando o processo de ocidentalização se lança pelo mundo não encontra as mesmas realidades em todos os lugares. Assim, verifica-se a ocorrência de trocas culturais e influências recíprocas ao mesmo tempo que todas se recriam, desenvolvem e mudam. Verifica-se a junção de elementos culturais ocidentais com elementos nativos.

É neste contexto que Santos (2001) diz que a globalização só contribuiu para reforçar o conceito de identidade. Para este autor, a crescente disseminação mundial de uma cultura cada vez mais uniformizada é justamente revertida pela reinvenção do local e na reconstrução do conceito de identidade. A disseminação mundial da cultura diz respeito ao processo de homogeneização cultural resultante da globalização. O processo de globalização poderia tornar o conceito de identidade desnecessário uma vez que, com a homogeneização todas as identidades iriam tornar-se idênticas. Mas o que se verifica é o contrário. Nota-se uma resistência a esta tendência homogeneizadora tanto ao nível individual como colectivo. Há uma tendência de reconstruir o conceito de identidade, uma vez que, ela é um sentido cultural de pertença. As diferentes formas culturais ao sentirem-se ameaçadas perante a homogeneização cultural apelam cada vez mais aos traços particulares de suas culturas, apelam naquilo que é diferente.

Santos (1993), diz ainda que o velho processo histórico de descontextualização das identidades e de universalização de práticas sociais, isto é, a discriminação dos elementos culturais particulares em prol da disseminação de uma cultura universal e homogénea, é muito menos homogéneo do que antes se pensou, já que com ele concorrem velhos e

novos processos de recontextualização e de particularização das identidades e práticas. As tendências culturais "externas" movidas pela cultura global entram em contacto com as tendências culturais "locais" dando espaço ao surgimento de novas tendências culturais resultantes desta fusão.

De outro modo Ortiz (2002), explica muito bem esta relação nesse contexto. Segundo este autor, a globalização permite que as forças locais que se encontravam antes subjugadas ganhem expressão uma vez que, no âmbito cultural, os símbolos e os mitos nacionais são concorrenciados por mitos e símbolos mundiais. Para este autor, é importante entender o conceito de "desterritorialização" pois este, nos ajuda a compreender o quadro das transformações recentes. Na verdade, estamos habituados a considerar o espaço como algo enraizado na materialidade de um entorno físico, encontrando-se a cultura e espaço articulados a um território fisicamente demarcado.

Actualmente está a verificar-se um rompimento com essa integridade espacial, tornando cada vez mais difícil discernir os limites de cada povo ou cultura. Por isso, entendimentos como dentro e fora, interior e exterior devem ser relativizados. Com a velocidade do processo global, o mundo ficou mais pequeno e as distâncias curtas, de tal forma que um evento num local tem um impacto imediato para pessoas em espaços muito distantes. Para Ortiz, o que se denomina de "local" já contém em si, elementos do "nacional" e do "global". Nesta época, criou-se a possibilidade de se partilharem identidades entre pessoas que se encontram distantes umas das outras no tempo e no espaço. As culturas nacionais tornaram-se mais expostas a influências estranhas, sendo difícil preservar suas identidades culturais intactas ou preveni-las da influência ou infiltração cultural estrangeira.

Para melhor explicar este aspecto, Hall (1992), salienta a necessidade de se olhar para o impacto da globalização na identidade, tendo em conta o tempo e o espaço que se encontram coordenados num sistema de representação. Para Hall, todos os sistemas de representação (escrita, desenho, pintura, fotografia, sistemas de telecomunicações) transmitem ideias em dimensões espaço-temporais jamais imagináveis em outras épocas.

O exemplo concreto é o facto de pessoas que vivem em pequenas aldeias e vilas remotas nos países localizados no terceiro mundo receberem na privacidade de suas casas, mensagens e imagens de outros países (países ricos). Estes indivíduos recebem através da televisão e da rádio, culturas consumistas do ocidente, colocando-os numa "aldeia global" das novas formas de comunicação.

Do grupo de teóricos que defendem a perspectiva de que a globalização é um processo que dá oportunidades para que as diferentes formas de identidades se afirmem, pode-se encontrar Nunes (1995). Para este autor, a globalização não deve ser confundida com a homogeneização. Segundo ele, a abordagem de fenómenos no mundo contemporâneo exige a redefinição de perspectivas teóricas que permitem lidar de maneira adequada com os aspectos actuais. O mesmo autor, acredita que para se falar da globalização actual, tem que se ter em conta o desenvolvimento dos meios de comunicação de massa e das tecnologias de informação que vieram criar condições para a multiplicação de recursos incorporáveis naquilo que designa de "reportórios culturais". Estes reportórios, dizem respeito às experiências muito variadas de participação na vida social que os actores sociais passam ao longo das suas vidas, nas quais se envolvem numa diversidade de comunidades interpretativas, adquirindo competências diversas, gerando diferentes vínculos de solidariedade e diferentes sentimentos de pertença, fragmentando as identidades e obrigando, em certas circunstâncias, a gerar lealdades conflituais.

Entende-se melhor este argumento através da explicação de Appadurai (1990). Segundo este autor, actualmente as diversas culturas se encontram interrelacionadas através dos meios de comunicação de massa. Essa interrelação cultural, não olha para o tempo nem espaço uma vez que, os meios de comunicação de massa os comprimem, permitindo até a exposição de culturas que eram tidas como esquecidas. A este aspecto, o autor designa de "Ethnoscapes". Este interliga-se a um outro designado de "Technoscapes". Este último permite a fluidez da configuração global que depende da tecnologia. Existe também a "Mediascapes" que não difere muito do aspecto anterior uma vez que, se refere a distribuição das capacidades electrónicas, a produção e disseminação da informação (jornais, canais televisivos, produções cinematográficas, etc). Por outro lado, existe a

concentração de imagens que é composta por elementos que permitem a ligação, o encadeamento de ideias, termos e imagens "(Ideoscapes)". Estes aspectos expõem um largo e complexo reportório de imagens, algo como um "panorama do mundo," oferecendo aos indivíduos várias oportunidades para escolha. Segundo Appadurai, a nova cultura global tem de ser entendida como um complexo de alternativas.

Não muito longe desta linha de pensamento, se encontra Robertson (2000). Segundo este autor, o campo global como um todo é um sistema sócio cultural que resulta da compressão de culturas de modo a impor-lhes cada vez mais, não só restrições, mas também conceder-lhes poder. O autor diz ainda que, aqueles que tendem a pensar à globalização como desenvolvimentos que envolvem o triunfo de forças homogeneizadoras sobre as demais negligenciam o grau com o que é chamado de "local", em grande parte é construído com base translocal. A produção da localidade é, na verdade, feita de fora. É neste contexto que propõe o termo de "glocalização" como substituto do termo "globalização". O termo glocalização é tomado a partir da fusão de "global" e "local," justificando o facto de o local ter de ser um aspecto da globalização. Para Robertson, o global em si não é contraposto ao local. Ao contrário, aquilo que geralmente se entende por local está geralmente no contexto do global. Há uma complementaridade e inter-penetração.

É neste contexto que Hall, fala do surgimento de novas identidades - as *identidades híbridas*. Para este autor, é importante referir a possibilidade da produção de novas identidades como consequência da globalização. Essas novas identidades, as quais, Hall designa de híbridas, Çaglar (1997), realça a importância de designá-las como *crioulização e hibridismo*. A noção de crioulização deriva da noção de heterogeneidade que significa mistura cultural e novas posições de identificação. É o processo pelo qual, elementos de diversas culturas se sintetizam sem olhar para as suas diferenças. Como a crioulização, a hibridação refere-se a forma através da qual práticas culturais diferentes se recombinaem fazendo novas formas e práticas. Estes aspectos explicam o facto de, actualmente com a rápida circulação de capital, trabalho, pessoas tecnologia e imagens de meios de comunicação de massa, muitos indivíduos olham para si e se vêem num mundo

multifacetado, sentindo que pertencem a um contexto de identidade cultural plural e fluido.

Essas noções revolucionaram o pensamento essencialista sobre a cultura, identidade e etnicidade. Já não existem culturas fixas e homogéneas pois se pode considerar que todas as culturas são híbridas ou crioulas. Çaglar sugere ainda a necessidade de se discutir sobre a relação entre a cultura e território. As pessoas vivem num espaço e este, é um parâmetro para a percepção de suas obrigações sociais e políticas. Actualmente, encontrámo-nos num contexto em que a cultura já não é considerada como algo fixo, fechado e permanente. As diferentes formas culturais estão cada vez mais interagindo entre si, verificando-se cada vez mais a fluidez entre elas. Essa tendência de tornar as culturas cada vez mais interligadas é inevitável, uma vez que, o espaço está a tornar-se cada vez mais comprimido com o desenvolvimento dos meios de comunicação.

Desta revisão bibliográfica, pode-se notar que existe uma vasta literatura geral respeitante a questão da globalização e identidade. Nota-se que, por mais que existam diferenças do ponto de vista de interpretação do carácter que o processo da globalização toma, uns defendem a perspectiva de que a tendência de afirmação identitária é uma reacção a globalização homogeneizadora e outros defendem a perspectiva de que ela oferece oportunidades para a afirmação das diversas formas identitárias. Contudo, nota-se uma concordância geral de que actualmente se deve olhar para esse processo numa outra vertente. Devido ao processo da globalização, já não existem identidades fixas, estáticas, fechadas e limitadas pois, esse processo permite que haja uma interrelação e influências entre as identidades. Isso permite a emergência e estabelecimento de uma nova tendência identitária a qual, Çaglar e Hall designam de hibridismo ou crioulização. É importante salientar que de certo modo, esta revisão da literatura foi uma das ferramentas determinantes no desenvolvimento do tema, uma vez que, permitiu relacionar a questão da proliferação da roupa africana na cidade de Maputo como afirmação ou não da identidade africana. Por outro lado, permitiu perceber que com o processo de globalização actual, as identidades não são fixas e nem fechadas. A globalização actual permite e intensifica as relações entre as diversas formas identitárias existentes no

mundo. Isso abre caminho a um processo de trocas e influências identitárias, transformando-as naquilo que se designa de identidades híbridas.

O sub-capítulo que segue é referente a exploração da literatura moçambicana sobre a questão da identidade e globalização. Desta literatura, destacam-se perspectivas de nível macro, que abordam a questão, destacando os seus aspectos políticos e económicos.

2.1 - Contornos da Globalização e Identidade em Moçambique

Depois de se ter exposto duas perspectivas sobre a questão da identidade num contexto de globalização, onde o destaque foi para o antagonismo teórico entre elas, isto é, por um lado estão aqueles que defendem a perspectiva da afirmação das identidades num contexto de globalização homogeneizadora que dá vantagens ao ocidente. Segundo os defensores desta perspectiva, perante a globalização, o ocidente tem mais vantagens em relação ao resto do mundo uma vez que os valores que se globalizam são ocidentais. Deste modo, os povos envolvidos nesse processo, ao sentirem suas identidades nacionais ameaçadas as recriam como forma de as afirmar perante o processo homogeneizador, impulsionado pela globalização. Por outro lado, estão os teóricos que defendem a perspectiva de um processo de globalização que dá oportunidades para que as identidades se afirmem. Estes teóricos acreditam que a globalização através dos seus mecanismos tecnológicos e de comunicação, dá oportunidades às diferentes formas identitárias existentes no mundo de se mostrarem e se promoverem. Perante esse processo, cabe a cada povo ou indivíduo escolher a identidade que lhe convêm. É importante salientar que mesmo antagónicas, essas perspectivas têm um ponto comum. Actualmente não se pode falar de identidades fixas e fechadas, até porque se deve prestar atenção a uma nova tendência identitária — o hibridismo. Esta tendência provém da interrelação e combinação cultural resultante do processo de globalização.

Neste-sub capítulo será desdobrada a mesma questão, mas, no contexto moçambicano onde se destacarão as perspectivas de autores moçambicanos.

Ao nível dos estudos realizados em Moçambique, existe uma literatura vasta respeitante a questão da identidade e globalização. Tanto quanto se pôde notar pelas leituras realizadas, é quase impossível dissociar estas duas questões, embora na sua maioria se tenha encontrado análises que abordam o assunto em perspectivas económica e política.

Nesse contexto, Kassotche (1999), analisa essa questão sob o ponto de vista dos países em vias de desenvolvimento. Este autor destaca os aspectos da expansão dos mercados financeiros, a difusão da tecnologia e as políticas de liberalização. Segundo este autor, esses aspectos fazem da globalização uma marca da hegemonia do capitalismo transnacional ameaçando os estados desfavorecidos. Para Kassotche, o desenvolvimento na era da globalização é sobretudo e exclusivamente economicamente orientado, ignorando o desenvolvimento social, cultural e religioso. Segundo este autor, as instituições financeiras internacionais e as potências económicas dominantes impõem uma filosofia de desenvolvimento aos países em vias de desenvolvimento que é percebida como um contra desenvolvimento, pois não relaciona os valores, as motivações e as atitudes das pessoas. O autor diz ainda que, ao nível nacional, a globalização é um processo que serve aos interesses externos. O que se está a verificar é uma globalização dos mercados financeiros que desviam o poder dos governos para as instituições financeiras; verificando-se a difusão da tecnologia e das políticas de liberalização. Isso marca o progresso da internacionalização financeira e da produção e transacções económicas a um nível tal que as funções tradicionais do Estado-Nação estão ameaçadas. Isto acontece porque os países mais desenvolvidos estão na dianteira do sistema mundial científico, tecnológico, político e económico. Somente estes países dominam o sistema mundial.

Por sua vez, o Centro de Estudos Africanos (CEA) da Universidade Eduardo Mondlane (UEM), publicou em 1998 uma colectânea de estudos moçambicanos que destacam a problemática da influência da globalização em Moçambique. Desses estudos, destacam-se as análises de Meigos, Graça e Paulo. Deste modo, se começará com a análise de Meigos (1998). Ao invés de utilizar o termo "globalização", este autor prefere utilizar o de "modernidade". Para ele, a modernidade é um processo de desconstrução e

construção do quotidiano. É um processo ambíguo, contraditorial determinado pelo consumismo. Meigos, acredita que se está diante de uma modernidade eurocentrista que destradicionaliza as práticas culturais. É aqui onde entra a ambiguidade deste processo, uma vez que, permite que num mesmo espaço e tempo coabitem formas culturais contraditórias (coabitação de práticas tradicionais dos povos autóctones com as novas práticas modernas). O que está por detrás deste processo todo é a mundialização do mercado, tecnologias, criação de novos produtos, perda de peso das fronteiras geográficas, culturais e históricas, destruindo ou recriando outras formas sociais de vida.

Ainda no âmbito dos estudos realizados em Moçambique, Graça (1998), também prefere utilizar o termo "modernidade", analisando-a através da importância que a rádio exerce na difusão de notícias. Para Graça, a rádio é a maior ponte de comunicação entre a maioria do povo moçambicano. Este autor, não descarta a possibilidade de existência de outros meios de comunicação, mas segundo ele, a rádio, através dos noticiários, dá a possibilidade até de indivíduos que se encontram em lugares recônditos de poderem fazer parte, de partilharem e interagirem com um universo diversificado de culturas em todo o mundo.

Por sua vez, Paulo (1998), fazendo uso do termo "modernidade" afirma que, esse fenómeno em Moçambique comporta também a dimensão da promoção de uma participação, cada vez maior dos indivíduos nos assuntos políticos, económicos, sociais e culturais. A autora observa que, mesmo envolvida na sociedade global, a sociedade moçambicana tende a reafirmar e a reconhecer a sua diferença e individualidade. Esta autora é de opinião de que se devem criar mecanismos que permitam aos indivíduos seleccionarem, relativizarem e adoptarem os meios e caminhos a seguir perante este processo de interações que se verificam no sistema mundial.

Ainda no âmbito da literatura moçambicana, foi publicado em 1998, sob direcção de Serra, um livro onde constam diversos debates teóricos sobre a questão da identidade em Moçambique. Achou-se importante destacar alguns desses contributos teóricos que têm como objectivo comum encontrar elementos que fortifiquem a identidade moçambicana.

Segundo esses autores, essa identidade tem sido ameaçada pelos mais diversos processos internos e externos.

Nesse debate, Serra (1998), admite sermos um país que tem estado a procura de um nós simbólico comum, uma vez que na era colonial, nos era negada essa possibilidade. Para este autor, actualmente esse nós simbólico comum, está sendo ameaçado pelas diferenças de classes sociais e pelas diferenças culturais e étnicas. Diz ainda que, actualmente com o neo-liberalismo, há uma tendência individualista auxiliada na política tendendo a fomentar o desenvolvimento individual a nível económico, esquecendo os valores de moçambicanidade e unidade que outrora foram defendidos.

Por sua vez, Ngoenha (1998), afirma que a identidade representa a independência, a soberania e liberdade. Este autor defende a ideia de que essa identidade deve ser consolidada para servir as gerações futuras, uma vez que, tem sido ameaçada tanto a nível interno como a nível externo. A nível interno se destaca o que o autor designa de micro-nacionalismos e o economicismo individualista que exalta o indivíduo e os seus interesses, ignorando os cidadãos e os seus ideais. A nível externo, há uma ameaça causada pela globalização que comporta a internacionalização das trocas e a interdependência das economias e a usurpação do espaço político nacional pelo intervencionismo da comunidade internacional que está a pôr em causa a própria ideia de soberania.

No âmbito desta discussão, Macamo (1998), apesar de acreditar na existência de uma multiplicidade de factores e aspectos que contribuem para a constituição de identidades sociais, propõe uma análise sobre a importância da religião. Este autor utiliza a teoria de Georg Simmel e a interpretação de Birgitta Nedelmann para analisar o assunto. Para Macamo, o conceito de "Moçambique" não existe fora e independente do conjunto de relações sociais que caracterizam o intercâmbio entre o indivíduo dentro do espaço a que se dá o nome de Moçambique como um todo, maior que as suas partes; como o resultado das interações individuais e como o resultado de processos históricos e sociais.

Para ele, Moçambique é um conceito moderno, esse facto tem a ver com o papel que a religião cristã desempenhou na cristalização do conflito entre o indivíduo e a sociedade, no aprofundamento do diálogo do indivíduo com as suas instituições sociais. A Missão Suíça em particular desempenhou um papel importante como ponto de referência a partir do qual os intervenientes definiram a sua individualidade. É por essa razão que o autor acredita que esta missão e as outras missões protestantes e católicas são um dado significativo na constituição duma comunidade de destino moçambicana.

Para finalizar e ainda sobre o mesmo debate teórico, pode-se encontrar Sopa (1998). Este autor dá primazia a análise da etnicidade como elemento importante para a construção de uma nação. Sopa reconhece o facto de a etnicidade poder ser um aspecto fluido e ambíguo da vida social, podendo ser manipulada pelos próprios agentes, mas, em África a ausência de explicação em termos de debilidade da modernidade abriu campo a esta única expressão culturalista e particularista.

Neste sub-capítulo, nota-se que, a maior parte da literatura moçambicana revista para a análise do tema proposto, enfatiza a questão da identidade e globalização numa perspectiva macro, ressaltando os aspectos económicos e políticos. Esta revisão permite analisar a influência da globalização na identidade moçambicana. Informa sobre em que medida este processo influencia, tanto negativa como positivamente, a identidade moçambicana.

Nos próximos sub-capítulos, serão demonstrados a hipótese de trabalho e os conceitos que orientaram o presente projecto de pesquisa. De salientar que, a hipótese é o resultado da necessidade de se desenvolver algumas questões que não foram abordadas com certa profundidade durante a revisão da literatura acima exposta.

2.2 - Formulação da Hipótese de Trabalho

Como se pode notar, a maior parte da literatura moçambicana aqui revista, enfatiza a questão da identidade e globalização em dimensões macro, ressaltando os aspectos

económicos e políticos. Por isso, pensou-se que para o presente projecto de pesquisa seria interessante analisar a questão da identidade e globalização num âmbito micro. Em vez de se analisar a influência da globalização sobre as identidades em grandes dimensões como sejam colectividades ou nações, pretende-se analisar a influência desse processo na construção da identidade das pessoas. Quer dizer, através da análise do papel que a roupa africana desempenha na construção quotidiana da identidade das pessoas explorar os contornos do processo da globalização. Por isso, procurou-se analisar as razões que levam as pessoas a optarem pela roupa africana num contexto em que podem escolher qualquer outro tipo de roupa, uma vez que, na cidade de Maputo, se pode encontrar diversidade de roupas expostas pelas lojas. Assim, foi de preocupação o facto de se ter notado que existem pessoas que preferem a roupa africana visto que, como foi escrito mais atrás, segundo alguns entrevistados, este tipo de roupa representa a identidade africana na sua maneira de vestir.

De salientar que esta preocupação foi motivada pela necessidade de esclarecer se essas pessoas vestem a roupa africana com a intenção de afirmar ou não tal identidade. O mais interessante foi notar que as pessoas em causa a vestem em determinados momentos. Este aspecto veio reforçar o motivo do questionamento principal e tornou-se necessário analisar as razões de se escolherem momentos específicos para vestir a roupa africana ou seja, para afirmar a identidade africana. Sendo assim a **hipótese de trabalho** é:

A preferência pela roupa africana na cidade de Maputo é motivada pela necessidade que certas pessoas têm de afirmar a identidade africana em determinados contextos.

De ressaltar que, as pessoas em causa são os músicos (de música ligeira moçambicana), apresentadores de televisão (de programas culturais) e os políticos (principalmente os deputados da Assembleia da Republica de Moçambique). Acrescentar que se escolheu estas pessoas por se pensar que fazem parte dos que, quanto a questão de roupa africana, mais se destacam na sociedade moçambicana.

Esta hipótese foi delimitada com a pretensão de se recolher informações sobre as pessoas que vestem a roupa africana na cidade de Maputo, enfatizando as razões que as faz agir desse modo, como forma de avaliar a dimensão da consciência ou não que elas tem em relação a afirmação de uma identidade.

2.3 - Conceitualização

Neste sub-capítulo serão apresentados e desenvolvidos os conceitos de "*Roupa Africana*" e de "*Identidade Africana*". Estes são os conceitos principais do presente projecto de pesquisa. Com isso, pretende-se destacar o papel que eles desempenham no desenvolvimento e esclarecimento do tema, isto é, estes conceitos permitem estabelecer relações entre a proliferação da roupa em causa no presente projecto com a possibilidade ou não de ser um fenómeno identitário e deste modo, iluminar sobre o nível de consciência que se encontram os cidadãos maputenses nessa questão.

O conceito de *Identidade Africana* será definido tendo como base o conceito de *Identidade* definido por Dubar (1994) e Pinto (1991). A preferência pelas definições destes autores deve-se ao facto de se complementarem de ponto de vista conceptual e de se adequarem ao desenvolvimento que o conceito de identidade africana tem neste projecto.

Em suas explanações, estes autores primam pela questão da identidade como um sentimento no qual, as pessoas reconhecem a sua pertença em relação a um determinado grupo social, que por sinal, é diferente dos outros grupos. Para estes autores, a identidade diz respeito a necessidade que as pessoas têm de se integrarem num grupo pelo facto de estarem conscientes da sua pertença nele e que, de certo modo, tal grupo é diferente dos outros. Este aspecto é importante para o presente projecto de pesquisa, uma vez que, se pretende analisar o nível de consciencia ou não que as pessoas que vestem a roupa africana têm em relação à afirmação da identidade africana. Neste projecto, pretende-se saber se tais pessoas ao vestirem a roupa africana pretendem ou não afirmar a identidade africana e se, estão conscientes do significado da sua acção, isto é, ao vestirem a roupa

africana como forma de afirmarem a identidade africana reconhecem a sua integração como africanos e que, se diferenciam das pessoas com outro tipo de identidade (Europeus, Asiáticos e outros).

O conceito de *Roupa Africana* apesar de ser ambíguo, será definido tendo como base elementos comuns do tipo de roupa que ganhou o estatuto de roupa africana nos últimos tempos.

Assim sendo, se começará por definir o conceito de *Identidade Africana*.

Segundo Dubar, a identidade é a combinação entre a forma como queremos que as pessoas nos vejam (identidade para os outros) e a maneira como nós próprios nos vemos (identidade para mim). Para este autor, isso depende dos contextos em que nos encontramos inseridos.

Dubar defende a ideia de que a identidade para mim e a identidade para os outros são ao mesmo tempo inseparáveis e ligados de uma maneira problemática. Há uma dualidade entre a nossa identidade construída pelos outros e a nossa identidade construída por nós. É por essa razão que a identidade não é definitivamente fixa e pode, dentro de certas circunstâncias e certas condições, transformar-se ao mesmo tempo que se modifica a posição do indivíduo ou de um grupo dentro do espaço social de referência.

Ainda dentro do mesmo contexto Pinto, defende a ideia de que a produção das identidades sociais implica a dualidade de dois processos: o processo pelo qual os actores sociais se integram em conjuntos mais vastos, de pertença ou de referência com eles se fundindo de modo tendencial (processo de identificação) e o processo através do qual os agentes tendem a autonomizar-se e diferenciar-se socialmente (identização). As identidades se constroem por integração e por diferenciação.

Neste contexto, a *Identidade Africana* seria a forma como os africanos se vêm a si próprio ou pretendem ser vistos. Para o efeito, socorrem-se de práticas e de discursos

apropriados. Neste caso, a identidade africana para os actores sociais significa a reivindicação da sua africanidade através da roupa africana. De certa forma, essa reivindicação relaciona-se a tentativa de se rebuscar traços culturais outrora renegados e demonstrar perante a sociedade o seu apreço por ela. Na sociedade moçambicana essa reivindicação é observada principalmente nos actores políticos e económicos pois são os que mais se relacionam e interagem com o mundo, facto que os desperta ao retorno dos aspectos da sua cultura ou identidade e que de certa forma, se sentem culturalmente ameaçados.

Quanto à *Roupa Africana*, apesar de se reconhecer que não existe consenso na sua definição, neste projecto de pesquisa este conceito será definido como sendo a roupa que provém da região ocidental de África (com destaque para as túnicas, os boubos e as cores muito fortes). Esta roupa tem estado a conquistar cada vez mais o seu estatuto social e foi expandido pelo resto do mundo e no continente africano. Por outro lado, é uma roupa que tem traços estilísticos idênticos aos dos árabes e indianos uma vez que, é resultado dos contactos culturais entre esses povos e os africanos. Em Moçambique a roupa africana é principalmente adquirida e vestida pelas elites políticas e culturais e de acordo com essas elites, essa roupa realça a sua singularidade ou diferença perante as demais pessoas visto que, ela significa a rebuscagem da sua africanidade.

Quanto à relação destes conceitos com a questão da identidade e globalização, dizer que, a roupa africana representa uma forma de vestir diferente num contexto em que a moda tende a tornar-se cada vez mais uniformizada. Neste contexto, existe a possibilidade de as pessoas, ao vestirem a roupa africana, tenderem a apresentar-se diante de outras de forma diferente. Por outro lado, a relação entre todos estes conceitos nota-se quando se repara que a roupa africana que prolifera na cidade de Maputo tem alguns traços estilísticos semelhantes a roupa dos indianos, árabes e dos ocidentais. Deste modo, supõe-se que este aspecto se relaciona às consequências do processo da globalização sobre as identidades. Quer dizer, a globalização permite que as diferentes formas culturais e identitárias existentes no mundo se relacionem e se influenciem mutuamente, tornando-as naquilo que Hall e Caglar designam de identidades híbridas.

O capítulo a seguir expõe as etapas que constituíram o presente projecto de pesquisa. Essas etapas dizem respeito as diferentes fases em que o presente projecto foi desenvolvido, incluindo os obstáculos com que se deparou.

Capítulo 3

Metodologia de Pesquisa

Neste capítulo expõem-se as etapas em que se desenvolveu o presente projecto de pesquisa, tendo iniciado com a escolha do tema até a compilação das informações recolhidas. Assim sendo, para elaboração do presente projecto de pesquisa foi necessário a conjugação de procedimentos teóricos e empíricos nomeadamente:

A identificação, análise e entrevistas estruturadas com pessoas que vestem a roupa africana e proprietários de estabelecimentos que comercializam este tipo de roupa, acompanhadas de observações directas da clientela de tais estabelecimentos. Por outro lado, foram analisadas, obras escritas dos artigos das revistas "Tempo." Todo este processo foi auxiliado pelas teorias de Goffman sobre a "representação" e de Bourdieu sobre a "distinção."

Para começar, falar-se-á das fontes escritas e orais que suportaram o projecto:

As fontes escritas dizem respeito a recolha de informação em obras escritas, artigos, revistas e trabalhos académicos respeitantes ao assunto. Esse material foi consultado em bibliotecas e livrarias da cidade de Maputo. Foi nesta parte onde se deparou com um dos maiores obstáculos no desenvolvimento deste projecto. Este é respeitante a escassez ou quase inexistência de fontes escritas sobre a questão da roupa africana. Por essa razão, neste projecto, a maior parte da informação escrita sobre roupa africana foi orientada pelo trabalho empírico baseado em observações directas a estabelecimentos de comercialização da roupa africana e entrevistas aos seus proprietários bem como às pessoas que vestem esse tipo de roupa.

As fontes orais dizem respeito as entrevistas semi-estruturadas realizadas com os proprietários dos estabelecimentos que comercializam roupa africana e com o grupo que geralmente veste esta roupa como sendo: músicos, apresentadores de televisão, membros da Organização da Mulher Moçambicana (OMM) e deputados da Assembleia da República de Moçambique. Com isso esperava-se obter elementos que elucidassem sobre as razões que os levavam a optarem por esse tipo de roupa e tentar estabelecer relação ou não com a questão da identidade. Essas entrevistas decorreram em duas fases:

A primeira, das entrevistas realizadas em estabelecimentos que comercializam roupa africana na cidade de Maputo. Nesta fase deparou-se com outros obstáculos. Estes, dizem respeito a hesitação e até mesmo a recusa em fornecer informações sobre o assunto em questão, por parte de certos proprietários de estabelecimentos que comercializam a roupa africana. Uns alegaram falta de tempo para prestar declarações, outros alegaram falta de interesse no assunto, pois não os iria ajudar em nada, outros chegaram a pensar que se estava a sondar o terreno com o intuito de iniciar um negócio naquela especialidade (vender roupa africana) .

Um outro obstáculo foi a questão de compreensão em termos de língua, uma vez que, a maior parte dos proprietários desses estabelecimentos são estrangeiros provenientes da região Ocidental de África. Desse modo, houve a necessidade de explicar as intenções do trabalho repetidas vezes e várias vezes teve-se que fazer as mesmas perguntas só que elaboradas de outra maneira. Do ponto de vista científico, estes obstáculos não tiveram qualquer influência visto que, através da persistência e também a inclusão de outros estabelecimentos comerciais de roupa africana, conseguiu-se obter as informações necessárias para o desenvolvimento deste projecto.

A segunda, foi das entrevistas realizadas com o grupo alvo previamente identificado como sendo o que com mais frequência veste a roupa africana em contextos específicos, como os deputados da Assembleia da República de Moçambique, músicos (de música ligeira moçambicana), apresentadores de televisão (programas culturais) e os membros da Organização da Mulher Moçambicana (OMM). Nesta fase, o obstáculo principal

consistiu na falta de tempo por parte de algumas pessoas. Este aspecto fez com que se prolongasse o tempo previsto para o procedimento da pesquisa uma vez que, por vezes, uma entrevista previamente marcada poderia levar mais de três semanas a concretizar-se.

De uma maneira geral o presente projecto de pesquisa observou cinco momentos específicos, nomeadamente:

Primeiro: A escolha do tema baseada na constatação da proliferação de roupa africana na cidade de Maputo (de pessoas que vestem a roupa africana e o acréscimo de estabelecimentos comerciais deste tipo de roupa). A análise sobre o surgimento e aumento de estabelecimentos comerciais de roupa africana bem como o de pessoas que a vestem na cidade de Maputo, incidiu de uma forma geral, entre os anos de 1995 a 2001. A julgar pelas entrevistas efectuadas aos proprietários de estabelecimentos que comercializam a roupa africana nesta cidade, assim como das pessoas que a vestem e de uma análise à revista "Tempo", este foi o período em que se registou a intensificação deste fenómeno. A análise abrangeu estabelecimentos localizados nos bairros Central, Polana Cimento "A", Polana Caniço "A," Alto Maé, e Chamanculo "A". A escolha desses bairros deveu-se a necessidade de se comparar o tipo de roupa comercializada em cada bairro, os preços praticados e o tipo de clientela que frequenta esses estabelecimentos com o intuito de se saber o perfil social e económico das pessoas que compram esse tipo de roupa e com que fins.

Segundo: A revisão bibliográfica sobre a questão da identidade e globalização. Esta revisão permitiu ter ideias mais claras sobre o objectivo traçado, delimitar com precisão o grupo alvo e a elaboração do questionário.

Terceiro: O trabalho empírico baseado em entrevistas semi-estruturadas orientadas por um guião e acompanhadas por uma observação directa aos estabelecimentos que comercializam a roupa africana e ao grupo alvo. Isso tinha como finalidade analisar o comportamento das pessoas que vendem e das que compram a roupa africana. Pretendia-se analisar o tipo de pessoas que aderem a essa prática, a predominância do sexo; idade;

classe social; que tipo de roupa africana compram; para que ocasiões a compram; e com que frequência a compram. Estes dados ajudaram bastante nas conclusões deste projecto uma vez que, permitiram estabelecer a relação entre a roupa africana com a identidade. Por outro lado, forneceram informações adicionais sobre a forma como as pessoas interpretam a roupa no seu dia a dia bem como dos componentes que permitem que a roupa africana as distinga.

Quarto: A escolha de uma perspectiva teórica adequada para o enquadramento das constatações empíricas e das conclusões. Assim, Goffman (1989), na sua obra "A representação do eu na vida quotidiana", auxiliada pela perspectiva de Bourdieu (1979), com a sua tese sobre "A distinção", retirada da obra com o mesmo título, constituíram o suporte teórico na finalização do presente projecto. Esta diz respeito às conclusões retiradas após o trabalho empírico.

Deste modo, Goffman que incidiu as suas análises sobre o modo como se organiza o quotidiano, a espontaneidade e a criatividade dos indivíduos no contexto das acções sociais, afirma que estes, quando se encontram numa situação de co-presença física (interacção face a face), tentam gerir as impressões que possam ter deles, empregando certas técnicas. Para isso, torna-se muito importante um elemento através do qual os indivíduos em interacção tentam gerir as impressões em causa. Esse elemento é a informação que se tem a respeito do indivíduo. Segundo Goffman, esta informação serve para definir a situação, tornando os outros capazes de conhecer o que ele esperará deles e o que dele podem esperar. Desta forma, saberão qual a melhor maneira de agir para dele obter uma resposta desejada. Goffman defende a ideia de que quando uma pessoa chega a presença de outras, existe uma razão que a leva a actuar de forma a transmitir a elas a impressão que lhe interessa. Tudo isso acontece porque a sociedade está organizada tendo por base o princípio de que qualquer indivíduo que possua certas características sociais tem o direito moral de esperar que os outros o valorizem e o tratem de maneira adequada. Por outro lado, um indivíduo que implícita ou explicitamente dê a entender que possui certas características sociais deve, de facto, ser o que pretende ser. Por isso, o indivíduo quando se apresenta diante de outros, terá motivos para procurar controlar a impressão

que estes recebem da situação, empregando algumas técnicas comuns para manter tais impressões. Essas técnicas são por Goffman, designadas por "fachada," dizendo respeito a expressão empregue pelo indivíduo durante a sua representação. Tudo isso acontece numa situação em que o indivíduo precisa controlar e regular a sua identidade perante os outros.

A teoria de Goffman é importante no concernente a identificação das pessoas que mais vestem a roupa africana na cidade de Maputo. Nota-se que essas pessoas a vestem em determinadas ocasiões: os músicos a vestem nos espectáculos; os políticos em comícios populares, visitas sociais e nas sessões parlamentares; os apresentadores de televisão vestem durante os programas culturais. Estas pessoas agem dessa maneira afirmando a identidade africana, pois, a sua posição social os obriga a agir dessa forma. Os músicos devem vestir roupa africana para realçar o tipo de música que tocam, que é a música ligeira moçambicana; os políticos devem vestir essa roupa no contacto com o povo para demonstrar a sua representatividade perante este; os apresentadores de televisão a vestem mais quando apresentam programas culturais. Portanto, a roupa africana é um elemento utilizado para gerir impressões pois a opção por ela, pode aqui ser interpretada como sendo uma expressão de afirmação de identidade. Nota-se que vestem essa roupa para transmitir aos outros a ideia de que defendem a identidade africana. Nessas ocasiões a roupa africana (de entre outros elementos como a língua materna, a música e as danças tradicionais, os penteados, etc.) é um elemento adequado para afirmar tal identidade, servindo de elemento de "fachada" de que fala Goffman.

Por sua vez, Bourdieu, desenvolve a questão do *habitus*, incumbindo-o a capacidade de produzir práticas e de gerar classificações, isto é, a capacidade de criar diferenciações, constituindo um *mundo social* ou então um *espaço de estilos de vida*. Esse espaço, Bourdieu o descreve como sendo uma representação abstracta, construção de um ponto de vista comum a partir do qual os agentes transmitem entre eles a sua visão do mundo. O meio mais importante neste contexto, é a relação existente entre a condição económico-social e a posição correspondente ao espaço de estilo de vida. Esta relação produz as classes e cada classe constitui suas práticas, produzindo um sistema de sinais distintivos.

As classes têm características específicas que são um sistema de diferenciação em relação a outras classes, cabendo ao *habitus* a tarefa de produzir e preservar esse sistema, tornando-o natural. Assim, os *estilos de vida* são produtos sistemáticos do *habitus* e esses estilos de vida dizem respeito aos gostos (materiais ou simbólicos) e as práticas de uma determinada classe. Bourdieu distingue dois tipos de gostos: os de luxo e os de necessidade. Estes são duas maneiras de afirmar a distinção de acordo com a renda que cada classe possui. Os gostos de luxo são próprios para os indivíduos que tenham condições materiais e estes, são definidos pela liberdade de escolha e pelas facilidades que lhes é facultada pela posse de capital. Nos gostos de necessidade não há liberdade de escolha pois o capital existente não é satisfatório para cobrir tais necessidades. Nesse contexto, os gostos são a afirmação prática de uma diferença inevitável pois afirmam a maneira sempre negativa de recusar ou se opor aos gostos dos outros. Para Bourdieu, a cosmética corporal, a vestimenta ou a decoração doméstica constituem ocasiões de afirmação da posição que se ocupa dentro do espaço social como um lugar a manter a distância em relação aos outros. A entrada da burguesia no jogo da distinção é marcada, de entre outros indicadores, pela suscitação do sentimento de uma classe em se livrar dos gostos dos outros. A burguesia é que se beneficia de todos os condimentos e elementos que permitem distingui-la em relação as classes populares. Estas últimas, não têm alternativas que possam oferecer como resposta a essa situação. Segundo o autor, os gostos são estratégias de distinção, isto é, de distanciamento social.

A teoria de Bourdieu é importante neste projecto, uma vez que, elucida sobre as práticas produzidas pela condição económica e social. Ao distinguir dois tipos de gostos (os de luxo e os de necessidade), de acordo com a condição económica e social, o autor chama atenção para a afirmação da distinção das classes de acordo com a renda que cada uma possui. Foi assim, que se notou que a roupa africana comercializada na cidade de Maputo varia (em termos de qualidade e preços) consoante as zonas ou bairros. A qualidade dos tecidos comercializados e os modelos confeccionados nas zonas urbanas (bairro Central, Polana Cimento "A", Alto Maé) são dos melhores que existem e conseqüentemente os preços são elevados. A clientela dessas zonas é constituída por pessoas que tem um bom estatuto e enquadramento sócio-profissional, conseqüentemente tem melhor rendimento.

Aparentemente são pessoas bem apresentadas em termos de indumentária e os produtos que compram são caros. Esses indivíduos distinguem-se dos que compram nos bairros periféricos da cidade (Polana Caniço "A" e Chamanculo "A"). Nestes bairros, os preços praticados são baixos em relação aos praticados na zona urbana. Do mesmo modo, o tecido e os modelos confeccionados não são dos melhores em termos comparativos com os das zonas urbanas. A clientela desses bairros é constituída por pessoas muito simples. A teoria da distinção de Bourdieu elucida sobre esta diferenciação caracterizada pela diferença de qualidade da roupa, dos preços e do tipo de clientela consoante a localização geográfica dos estabelecimentos comerciais em que é vendida a roupa africana.

Por último, fez-se a análise, organização e compilação do material recolhido tentando sempre estabelecer relações entre os diversos assuntos que neste projecto são tratados.

Nesta secção, expôs-se a metodologia utilizada na elaboração do presente projecto e delimitou-se a orientação teórica adequada às constações empíricas bem como para as conclusões retiradas. No capítulo a seguir serão expostos os dados empíricos recolhidos no terreno. De salientar que se destacará a proveniência dos comerciantes de roupa africana bem como da própria roupa. Estes são aspectos que se pensa serem importantes uma vez que, justificam e evidenciam a proliferação do estilo de roupa de outras regiões do continente. Por outro lado, se destacarão as razões que levam certas pessoas da cidade de Maputo a vestirem a roupa africana, recordando que estas o fazem em determinadas ocasiões.

Capítulo 4

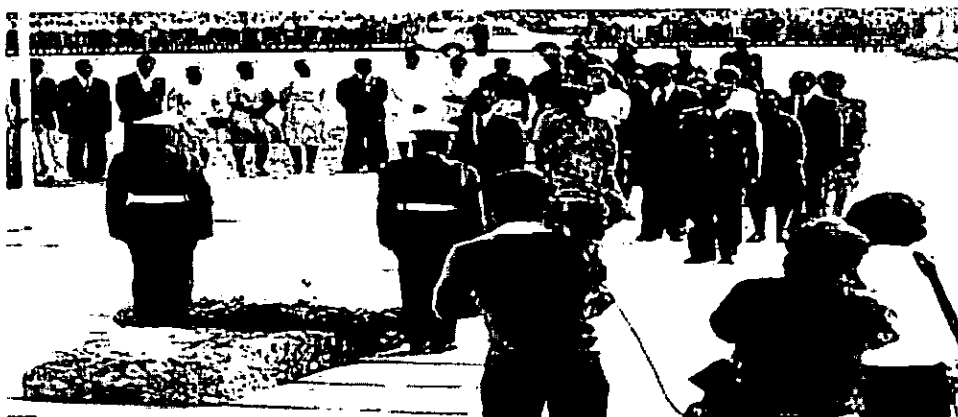
"Roupa Africana e Identidade na Cidade de Maputo"

No presente capítulo serão demonstradas as informações recolhidas no terreno, dando destaque as opiniões do grupo alvo em questão neste projecto. Num momento inicial, a análise foi despertada pela constatação da existência de um número crescente de pessoas

que vestem roupa africana. Para comprovar esta constatação, fez-se uma análise comparativa de revistas "Tempo" desde o ano de 1980 a 2001. Dessa análise foi possível notar que a evolução da roupa durante esses anos observou três momentos:

Primeiro: Nas revistas publicadas entre os anos de 1980 a 1986, nas datas comemorativas a roupa usual entre as personalidades políticas era o uniforme militar e os fatos civis como ilustram as fotos abaixo.

Foto 1



Esta foto foi retirada do arquivo fotográfico da revista "Tempo" publicada no dia 17 de Abril de 1983. Ela retrata uma deposição de flores na praça dos heróis moçambicanos por ocasião da passagem do dia 7 de Abril, dia da mulher Moçambicana. Nesta foto, pode-se notar que naquela época, nas datas comemorativas as individualidades políticas do país não tinham como preferência para traje a roupa africana. Este tipo de retratos, onde se podem notar diversas individualidades trajadas não de roupa africana é frequente nas revistas publicadas durante aquele período.

Foto 2

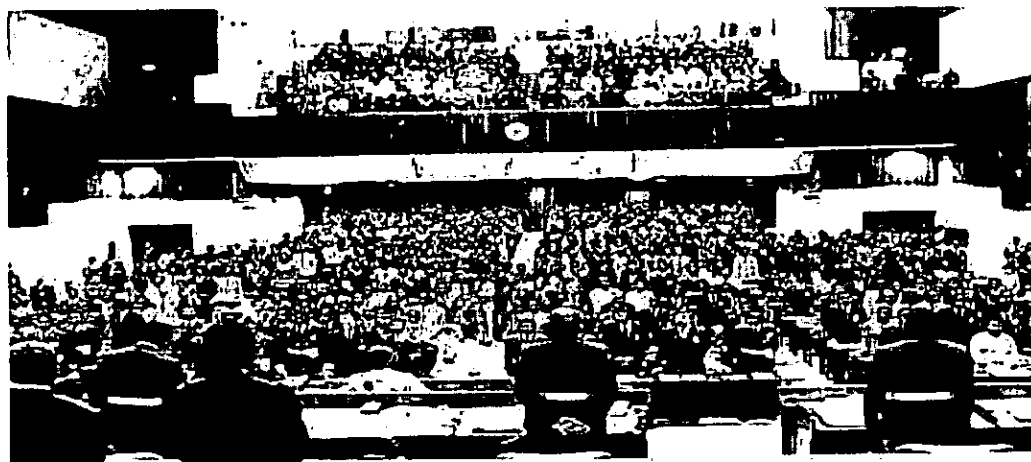


Foto retratando a 12ª Sessão da Assembleia Popular realizada em Abril de 1984. Retirada do arquivo

da revista "Tempo" de 29 de Abril de 1984. Esta foto serve de reforço a imagem retratada na foto anterior. De acordo com esta foto e muitas mais retiradas naquele período, a roupa africana não era frequente nas aparições públicas das individualidades políticas do país. Como se pode notar, o traje predominante eram os fatos civis e o uniforme militar.

Segundo: Entre 1987 a 1994 notou-se que as individualidades políticas já não apareciam trajadas de uniforme militar como era habitual nos anos anteriores. Neste período, os políticos apareciam trajados de fatos civis ou roupa simples. Observou-se também neste período, que, nos espectáculos os músicos não trajavam roupa africana como ilustra a foto abaixo.

Foto 3



Esta foto foi retirada do arquivo fotográfico da revista "Tempo" do dia 2 de Fevereiro de 1989. Ela retrata um espectáculo musical decorrido na época. Nesta época, bem como, nos anos anteriores a este, a roupa frequente nas fotos de espectáculos não era traje africano. Notou-se que neste período, os músicos foram fotografados em espectáculos e em entrevistas com outro tipo de roupa que não era a africana.

Terceiro: De 1995 em diante, podem-se notar fotos de personalidades políticas e músicos vestidos de roupa africana.

Fotos 4,5,6 e 7.



Estas fotos retratam uma comemoração entre os deputados da Assembleia da República de Moçambique (AR). São fotos retiradas dos arquivos do Centro de Documentação da AR. Elas retratam um convívio decorrido no ano de 1995. Nelas nota-se que, a maior parte das individualidades políticas estão trajadas de roupa africana. Assim, entende-se que, de certo modo, a roupa africana neste período tem aceitação notável no seio dos políticos

Foto 8



Foto retratando um espectáculo realizado no Tchova Xitaduma. Retirada do arquivo da revista "Tempo" de 10 de Maio de 1998. Neste período já é frequente encontrar fotos de músicos trajados de roupa africana durante os espectáculos diferentemente do período correspondente ao que se retirou a foto 3.

Foto 9



Foto retirada por ocasião do desfile dos videoclips mais votados no programa "Masseve" da Televisão de Moçambique (TVM). Retirada do arquivo da revista "Tempo" de 8 de Agosto de 1998. A imagem que esta foto transmite é o panorama frequente da forma de vestir dos músicos neste período. De salientar que, neste período, a roupa africana é a mais frequente entre os músicos nas fotos de espectáculos.

Dando enfoque a tentativa de comprovar a proliferação da roupa africana através da análise das revistas "Tempo", durante o período analisado, encontrou-se os dados ilustrados na tabela abaixo.

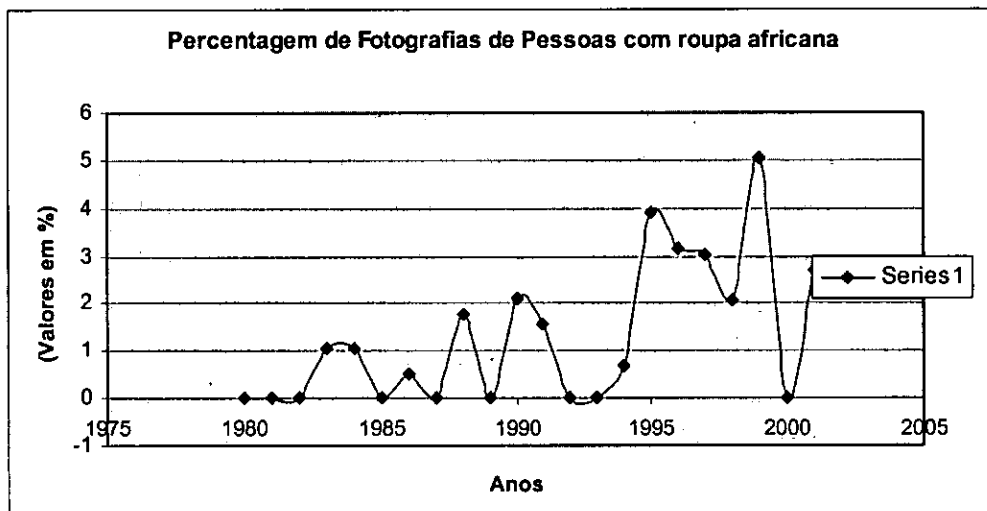
Tabela 1

Ano	Número total anual de fotografias por revista (1)	Número total anual de fotografias de pessoas com roupa africana (2)	Percentagem (2/1)*100
1980	225	0	0
1981	174	0	0
1982	217	0	0
1983	193	2	1
1984	193	2	1
1985	186	0	0
1986	197	1	1
1987	198	0	0
1988	112	2	2
1989	66	0	0
1990	190	4	2
1991	193	3	2
1992	187	0	0
1993	63	0	0
1994	149	1	1
1995	103	4	4
1996	95	3	3
1997	132	4	3
1998	341	7	2
1999	178	9	5
2000	92	0	0
2001	112	3	3

Os valores na tabela representam o número anual de fotografias por revista, entre os meses de Abril, Maio e Junho.

A tabela acima informa que, através da análise do número de fotografias por revista, quantas que de alguma forma, tem pessoas vestidas com roupa africana. De forma a conferir maior evidência às análises, os dados da tabela acima foram transpostos para o gráfico abaixo.

Gráfico 1



Ao observar-se o gráfico, constata-se que, o número total anual (em percentagem) de fotografias de pessoas com roupa africana em relação ao número total de fotografias por revista, não obstante o seu comportamento manter-se irregular entre 1980 -1994, nota-se uma subida significativa a partir de 1994/5 até aos anos de 1999/2000.

Entre 1995-1999 a percentagem de fotografias de pessoas com roupa africana, atingiu os seus valores máximos. A percentagem de fotografias de pessoas com roupa africana em 1995, representa quase o dobro de 1990 e o quádruplo de 1983 e 1984.

Segundo a análise efectuada a estas revistas, o uso da roupa africana intensificou-se em meados da década de 1990 e nos anos seguintes. Isso, não quer dizer que nos anos anteriores não existissem pessoas que vestiam a roupa africana. Acontece que, nas revistas analisadas, as evidências mostram que, o que se considera ser roupa africana, começou a proliferar no período acima escrito.

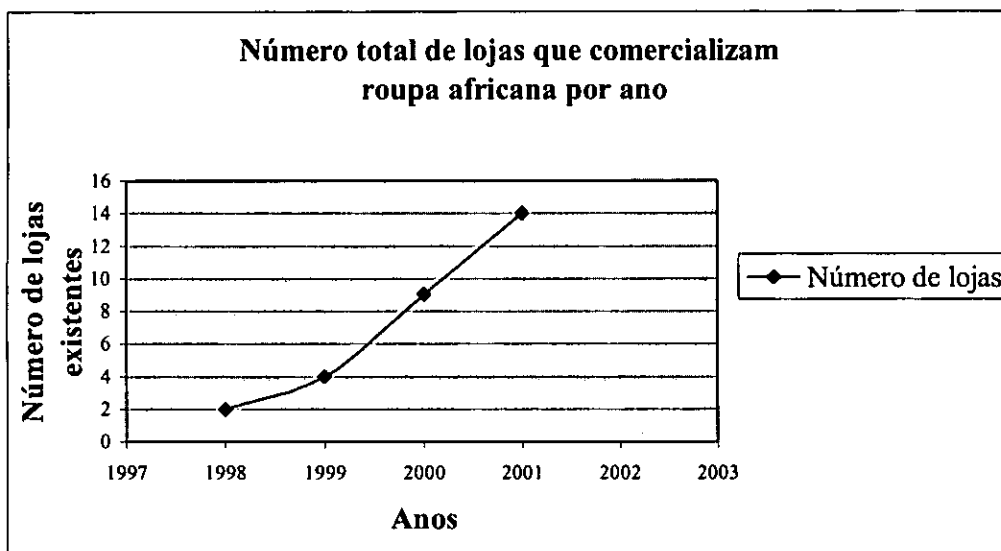
Ainda para o mesmo objectivo, o de comprovar a proliferação de roupa africana na cidade de Maputo, também se recorreu a análise de estabelecimentos que comercializam essa roupa, numa tentativa de relacionar-se os anos em que iniciou esse negócio e a sua proliferação.

A necessidade de se fazer esta análise foi determinada pelo facto de se ter notado que nesse período (meados da década de 1990), também se verificou um acréscimo de estabelecimentos comerciais (lojas, boutiques, alfaiates, estilistas) que confeccionam e vendem roupa africana na cidade de Maputo. Os dados apresentados na tabela abaixo ilustram esse facto.

Tabela 2
Número de lojas organizadas de acordo com o ano
que iniciaram a comercialização de roupa africana

Descrição	Anos			
	1998	1999	2000	2001
1	Prioridade Africana	Hlanhla	Mojak, Lda	PEK Moçambique INT'L
2	Galeria Rovuma	West Union	Alfaiataria Pedro Fernando	Power Dynamics
3			Hassman World	Boutique Africana
4			Confecções Cenaisy	Eddy's Boutique
5			Alfaiataria Irmãos Unidos	Adina Boutique
Total de lojas que iniciaram a comercialização da roupa africana por ano	2	2	5	5
Total de lojas existentes por ano	2	4	9	14

Gráfico 2



Da inventariação do número de lojas formais que iniciaram a comercialização de roupa africana na cidade de Maputo (precisamente nos bairros Central, Polana Cimento "A", Polana Caniço "A", Alto Maé, Chamanculo "A") constatou-se o seguinte:

- O gráfico acima ilustra uma tendência crescente do número de estabelecimentos que comercializam a roupa africana durante o período em análise.
- As lojas que comercializam esse tipo de roupa surgiram entre os anos de 1998 a 2001.
- Entre os anos 1998 a 1999 verificou-se um aumento pouco significativo (tendo-se registado um aumento de duas lojas por ano) em comparação com os anos seguintes.
- A partir do ano 2000 verifica-se um aumento expressivo deste tipo de lojas, como se pode constatar no gráfico acima ilustrado. No ano 2000, o número de lojas acumuladas era quase cinco vezes mais que em 1998.
- Em 2001 já era sete vezes mais do que o número desses estabelecimentos no ano de 1998.

A análise sobre o surgimento e aumento de estabelecimentos comerciais de roupa africana na cidade de Maputo, incidiu de uma forma geral entre os anos de 1998 a 2001 pois, foi nessa altura que esse aspecto foi notável.

Neste período é notável a existência de estabelecimentos especializados somente na venda de roupa africana e seus acessórios (brincos, pulseiras, carteiras, sapatos, etc).

O mais interessante foi notar que durante esse período, se verificou a proliferação de comerciantes africanos vindos de outras regiões do continente (da Nigéria, Ghana, Mali, Benin Etc.).⁴

De uma forma geral, são estabelecimentos comerciais especializados na confecção e comercialização de roupa africana. A maior parte dos mesmos, localizam-se na zona Central da cidade de Maputo, existindo alguns distribuídos pelas restantes zonas da mesma. A maior parte dos seus proprietários é de nacionalidade estrangeira, sendo predominantemente oriundos da região Ocidental de África (principalmente do Ghana). Estes estabeleceram-se em Moçambique por questões comerciais, ganham a vida tentando a sorte nos negócios e segundo eles, Moçambique oferece um bom mercado.

O material utilizado na confecção desse tipo de roupa provém de outras regiões de África (Ghana, Benin, Guiné Conacry, Togo, Mali, Nigéria, Costa do Marfim, Congo, Senegal) e do mundo (Holanda e Inglaterra), havendo uma diferenciação no tipo de tecido proveniente de cada região.

O tecido que provém da Holanda e Inglaterra é designado de *WVAX*, trata-se de um pano cru, havendo necessidade de tonificá-lo (por tons, pintar). O processo de tonificação é feito cá em Maputo e em indústrias caseiras. Ao resultado final desse processo designa-se por "*Batique*". A qualidade do resultado desse processo (Batique) comparando-o com o processado noutros países africanos não é das melhores. À medida que se lava o tecido,

⁴ Durante as entrevistas realizadas com os proprietários dos estabelecimentos que comercializam roupa africana, a maior parte confessou que se estabeleceu em Maputo a partir de meados e finais da década de 1990.

este vai perdendo as cores, desgastando-se com a crescente lavagem, resultando daí o baixo custo do mesmo.

Dos tecidos que provêm dos outros países africanos destaca-se um que é designado por *Bazém*. Este já vem trabalhado e com outra qualidade. São escolhidos tecidos de boa qualidade que posteriormente são tonificados, desenhados, recortados em peças adequadas (geralmente em quatro peças), justificando o elevado preço desse tipo de roupa. Por exemplo, os preços duma camisa para homens feitas desse tecido circulam entre novecentos mil a um milhão de meticais enquanto que com outro tipo de tecido confeccionado aqui em Maputo pode variar entre setecentos a oitocentos mil meticais. Isso vem aliado a colocação de enfeites apropriados constituídos por rendas e bordados feitos por uma máquina própria importada. O tecido confeccionado em outros países africanos oferece uma garantia de longo prazo tanto em termos de qualidade como na durabilidade dos tons. Este tipo de roupa é comercializado principalmente na zona Central, Alto Maé e Polana Cimento "A".

Por sua vez, nas zonas periféricas da cidade de Maputo (Polana Caniço "A" e Chamanculo "A"), a proveniência, a qualidade e o preço do tecido são diferentes. Nestas zonas, o tecido é comercializado a baixo custo devido a qualidade fraca do mesmo. A maior parte desse tecido provêm do Zimbabwe (capulana Java), Portugal (capulana de meio pano ou Papulino) e Índia (Xirobana).

Saindo desta questão e indo mais para a de se saber as razões de vestirem a roupa africana, alguns dos entrevistados afirmaram que, o despertar da sua consciência em relação a importância de se vestir essa roupa, foi influenciado pelo contacto com outros africanos fora de Moçambique.

Segundo alguns deputados, foi por ver políticos de outros países africanos trajados com a roupa africana que aos poucos as pessoas tomaram consciência do valor desse traje. Antes disso, não davam valor a roupa africana. Por exemplo, agora essa roupa é trajada para ocasiões importantes, encontros importantes e até para o serviço. Antes, vestia-se a

roupa africana para ir a praia o que se considera uma desvalorização desse tipo de roupa. De acordo com os deputados, actualmente há um sentido de valor para com a roupa africana e esse sentido as pessoas aprenderam com altas individualidades de outros países africanos. No contacto com essas individualidades descobriram que a roupa africana é vestida em grandes momentos e por grandes homens.

Do mesmo modo, alguns músicos justificaram os motivos que os levavam a vestir roupa africana nos seus espectáculos. Segundo alguns músicos foi por verificar que outros músicos bem sucedidos dentro e fora do continente têm preferência por essa roupa e nas suas actuações ela é indispensável. Nos seus espectáculos, os músicos moçambicanos vestem a roupa africana por influência de artistas africanos do norte de África com quem por vezes trabalham fora do país nas digressões pela Europa. Os músicos disseram ainda que, nessas digressões notam que quando vestem a roupa africana o público gosta de os ver, dá uma sensação de exotismo. Por exemplo, na Europa as pessoas gostam de ver um artista africano vestido de roupa africana. A roupa africana atribui uma identidade africana ao músico africano. Em Moçambique notam que, por tocar música tradicional, as pessoas também gostam de os ver nos espectáculos vestidos de modo tradicional. Por isso vestem roupa africana durante os espectáculos. É mais por causa do estilo de música que tocam, sendo uma forma de tornar mais saliente o seu estilo.

Interessante foi constatar que estes entrevistados adquirem esse tipo de roupa em boutiques, lojas e até mesmo com estilistas moçambicanos. Por outro lado, há que salientar o facto de os moçambicanos se terem apercebido da importância do traje africano através do contacto com outros africanos como também ao facto de o traje africano ser resultado de misturas culturais não só africanas mas também de árabes, indianos e ocidentais.

Quanto a estes aspectos quase todos os entrevistados⁵ concordam e dizem mais. Por exemplo os proprietários dos estabelecimentos que comercializam roupa africana e alguns estilistas são unânimes em concordar que, quando se fala em roupa africana se

⁵ Incluindo os proprietários dos estabelecimentos que comercializam a roupa africana e o grupo alvo.

está falando dos boubos e túnicas e esta roupa já é resultado do encontro cultural entre os africanos e os árabes. O bordado que enfeita esse tipo de roupa também é resultado desse contacto. Nota-se tal aspecto nas cores compostas por tons muito fortes e vivos, lembrando as cores árabes e indianas. Por outro lado, tem a forma de vestir e a sua composição que salientam esses aspectos. Por exemplo o traje africano para as mulheres é composto por quatro peças nomeadamente: a blusa, a saia, a meia capulana que é amarrada por cima da saia e por fim o lenço. Para os homens, também a composição é feita em quatro peças sendo: a calça, a túnica, o bobou e o cofió. Estas são peças que, até certo ponto, recordam a forma de vestir dos árabes e indianos.

Segundo estes entrevistados⁶, com o decorrer dos tempos, através do contacto e troca de experiência com outros povos, a roupa africana foi adquirindo novas formas pela influência resultante desses contactos. A capulana legitimada como a representante da roupa africana é proveniente das relações comerciais que no passado se estabeleceram entre o continente com os povos asiáticos e árabes numa primeira fase e posteriormente com os europeus.

Para sustentar este argumento pode-se verificar que com a capulana africana criam-se modelos idênticos aos de outras regiões do mundo, isto é, confeccionam-se fatos de casaco e saia idênticos aos que se vestem na Europa ou em outras regiões.

É por essas razões que alguns entrevistados acreditam que a roupa africana é universal, não oriunda de um local específico. Por isso que é apenas designada de roupa africana, sem especificidades. O exemplo que ilustra esta maneira de pensar é o que disseram alguns apresentadores de televisão. Segundo eles, a roupa africana representa a identidade dos africanos no seu todo, isto é, não diz respeito a uma determinada região ou um país específico do continente.

⁶ Proprietários de estabelecimentos que comercializam roupa africana e alguns estilistas.

O mesmo disseram os deputados ao reconhecer que "...somos africanos e o traje de outras regiões de África também nos identifica, até porque, uma das vertentes da roupa africana diz respeito à identidade e a unidade de um continente".

O facto interessante é o de se ter constatado que apesar de a roupa africana representar a identidade de um continente no seu "todo", as pessoas preferem vesti-la em determinadas ocasiões. O argumento justificativo para tal acto é o de essas ocasiões serem apropriadas ou adequadas para o uso dessa roupa, uma vez que, ela atribui uma certa identidade a quem a veste.

Por exemplo, os músicos afirmaram que a roupa africana representa o africano, sendo assim, todo o indivíduo que se quer fazer passar por africano valoriza essa roupa. Para eles, esta roupa significa a identidade africana na maneira de vestir.

Por sua vez, alguns membros da Organização da Mulher Moçambicana (OMM) na cidade de Maputo disseram que a roupa africana é aquela que identifica os africanos. Actualmente ela significa a rebuscagem dos seus valores outrora renegados. Tem a ver com a liberdade e agora as pessoas se sentem livres para exprimir a sua identidade.

Desta forma, os músicos vestem a roupa africana nas suas actuações como forma de afirmar a identidade africana, fazendo uma correspondência entre o tipo de música (a tradicional ou ligeira) e a roupa africana. Para estes, não faz sentido tocar o seu estilo de música sem estar trajado a africano, caso contrário, decepcionariam o público que espera ver aquela correspondência.

Foi por esse motivo que alguns músicos afirmaram que por causa do estilo de música que tocam é necessário vestir a roupa africana pelo menos quando vão actuar em espectáculos. A roupa africana salienta mais o seu estilo, quer dizer, enfatiza o estilo de música que tocam. Há essa necessidade de aliar o estilo de música e a roupa.

Normalmente os músicos acompanham essa roupa com certos acessórios também africanos, tais como brincos, pulseiras, colares etc. Trata-se de uma forma de marcar a diferença entre o músico que está actuar e o público que o está a assistir. Por exemplo alguns deles afirmaram que para além de vestir a roupa africana como forma de transmitir o que são, isto é, africanos que fazem música tradicional africana, também vestem essa roupa como forma de afirmar uma identidade diferente da do público. O público também veste roupa africana mas a dos músicos tem de marcar a diferença, tem de ser diferente, pois quando estão em palco, de certa forma, tem de se fazer notar, isto é, chamar atenção.

Por outro lado tal aparência os atribui um aspecto exótico. Quanto a isso, afirmaram que o facto de serem músicos faz com que actuem em diversos países e até na Europa. Quando vestem roupa africana nas digressões para a Europa ou mesmo nos espectáculos efectuados no continente africano, essa roupa é diferente, dá a sensação de exotismo. As pessoas gostam de ver músicos africanos vestidos a africanos. Para além de atribuir uma identidade africana, ela é diferente uma vez que são poucas as pessoas que a vestem.

Por sua vez, os apresentadores de televisão afirmaram que, a forma como eles se vestem tem relação com o tipo de programa que apresentam. Há uma pretensão de se estabelecer uma correspondência entre o tipo de programa apresentado e o tipo de roupa. Neste caso, nota-se mais a roupa africana em apresentadores de programas culturais tais como os programas "Danças e Instrumentos Tradicionais" da Televisão de Moçambique onde são desenvolvidos temas relacionados aos diferentes tipos de instrumentos musicais e danças tradicionais existentes em Moçambique. Existe também o programa "Masseve" do mesmo canal televisivo no qual se apresenta a música ligeira moçambicana. Geralmente os apresentadores destes programas aparecem vestidos de roupa africana.

Quanto a esta questão, os apresentadores de televisão disseram que vestem a roupa africana quando apresentam programa culturais e isso acontece mais pela exigência do tipo de programa. Segundo eles, vestir roupa africana enquanto se apresenta um programa cultural reforça o seu teor cultural pelo impacto que causa.

Os membros da OMM tentam vestir a roupa africana à maneira original moçambicana. Este aspecto relaciona-se à tentativa de rebuscar, preservar e transmitir o estilo moçambicano de vestir. A propósito, alguns destes membros disseram que as mulheres desta organização primam por vestir a capulana meio pano de acordo com as ocasiões. Sendo assim, em comemorações de datas festivas devem vesti-la em cores vivas ou amarrar um "mucume" que é um traje especial confeccionado por duas ou mais capulanas. Em ocasiões fúnebres devem vestir capulanas em cores escuras ou cobrir o "mucume". Note que nestas ocasiões o "mucume" é coberto ao invés de amarrado como nas ocasiões festivas."

Relativamente aos deputados, o estilo de roupa africana que vestem provém da África Ocidental. Quanto a essa questão, eles afirmaram que não vestem a roupa africana em todas as ocasiões. Preferem vesti-la nos momentos em que lidam directamente ou indirectamente com o povo, como por exemplo, nos comícios, nas visitas sociais e durante as sessões parlamentares. Segundo alguns deputados, vestem dessa forma e nessas ocasiões pois, como representantes do povo, devem procurar identificar-se com ele. Pelo menos quando vão entrar em contacto com o povo devem tentar mostrar isso.

De um modo geral, as pessoas que vestem a roupa africana optam por fazê-lo em determinados contextos da vida social, não sendo uma forma com a qual elas se apresentam no seu dia a dia. Os deputados vestem-na quando vão entrar em contacto com o povo; os músicos quando actuam em espectáculos e os apresentadores de televisão quando apresentam programas culturais.

Importa salientar um aspecto referente a distribuição da qualidade e do custo desse tipo de roupa em relação a localização espacial e em termos de preferência, sexo e idade.

Economicamente pôde-se constatar que os preços de roupa africana variam de acordo com o bairro em que é vendida. Nos bairros da Polana Cimento "A", Central e Alto Maé, os preços são muito elevados comparativamente aos preços praticados nos bairros da Polana Caniço "A" e Chamanculo "A" como ilustra a tabela abaixo

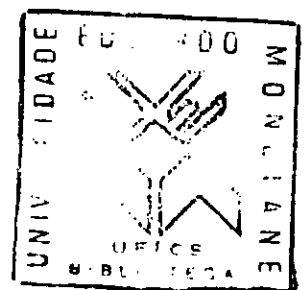


Tabela 3

Nomes dos Bairros	Preços de Roupa			
	Tecido completo	Fato para senhoras	Camisa para homens	Mão de obra
Alto Maé, Polana Cimento "A" e Bairro Central	A partir de 1.200.000,00MT em diante	1.500.000,00MT a 2.500.000,00MT	600.000,00MT a 1.000.000,00MT	A partir de 550.000,00MT em diante
Polana Caniço "A" e Chamanculo "A"	A partir de 700.000,00MT em diante	550.000,00MT a 800.000,00MT	300.000,00MT a 800.000,00MT	A partir de 350.000,00MT em diante

Nesta tabela, os preços da roupa africana variam consoante os bairros. Por exemplo, nos bairros Central, Alto Maé e Polana Cimento "A" o preço do tecido completo que geralmente é composto por quatro peças, chega a ser quase o dobro do preço praticado nos bairros do Chamanculo "A" e Polana Caniço "A".

O mesmo acontece em relação as camisas para os homens e ao custo da mão de obra. Estes, nos primeiros bairros, quase chegam a custar o dobro dos preços praticados nos segundos bairros.

Em relação aos fatos para as senhoras, nos bairros Central, Alto Maé e Polana Cimento "A", os preços dessas peças chegam a ser quase o triplo dos praticados nos bairros do Chamanculo "A" e Polana Caniço "A".

Existem várias justificações para esta diferença de preços. Uma delas refere-se à qualidade e ao modo de confeccionar a roupa em cada local. Este aspecto também influencia a distribuição da clientela nas diferentes zonas. Nos três primeiros bairros acima referidos a clientela é constituída por indivíduos com um elevado poder de compra como sejam empresários, políticos de renome e turistas. Por sua vez, nos arredores da cidade, os preços são relativamente baixos. A clientela é constituída por populações desses bairros cujo rendimento é baixo e consequentemente o seu poder de compra também é baixo. Com isso, não se quer dizer que este seja um critério rígido para estabelecer a diferenciação acima referida, pois se verifica que alguns moradores das zonas urbanas primeiramente mencionadas se deslocam aos arredores para comprar roupa a preços baixos.

Relativamente ao sexo e idade, as mulheres são a principal clientela, isto é, são as maiores compradoras dessa roupa. De acordo com as constatações em estabelecimentos que comercializam a roupa africana, notou-se que, se tratava de mulheres acima dos trinta (30) anos de idade. Os homens compram roupa africana mas com pouca frequência em relação às mulheres, até porque, alguns desses homens compram-na para presentear às senhoras. Esta constatação foi importante, uma vez que, permitiu perceber que a maior parte das pessoas que dá importância a roupa africana são mulheres e a partir de uma determinada faixa etária.

Segundo alguns membros da OMM, esse facto relaciona-se com o tipo de educação que a mulher recebe em casa com outras mulheres mais velhas da família em relação a roupa africana. Esta educação diz respeito, ao papel e significado da roupa africana como acessório indispensável para as mulheres.

Para estes membros, sempre que a mulher sair à rua deve levar consigo pelo menos uma capulana. Ela não deve sequer sair de casa sem uma capulana nem que seja na carteira, pois, para além de ser decente é prática. É um tipo de roupa que não distingue um momento formal do informal. Essa roupa, não tem ocasiões específicas para trajá-la embora algumas pessoas prefiram vesti-la em determinadas ocasiões. A capulana é

indispensável uma vez que socorre a mulher, servindo de substituta da roupa principal em caso de acontecimentos imprevistos. Este papel desempenhado pela capulana não é utilizado apenas para o seu próprio benefício mas também para o de pessoas próximas que necessitem. Este é o tipo de educação que as mulheres recebem quando atingem a sua maioridade e este conhecimento deveria ser transmitido às gerações vindouras. Contudo, o tipo de educação acima referido, foi perdendo o seu impacto com o decorrer dos tempos, por essa razão, as mulheres acima dos trinta (30) anos de idade são as que mais valorizam essa roupa.

Quanto aos jovens, estes quase nunca frequentam esse tipo de estabelecimentos comerciais e das raras vezes que o fazem, somente compram capulanas para a praia. Segundo os proprietários das lojas que comercializam a roupa africana, a maioria dos seus clientes é constituída por pessoas adultas principalmente senhoras. Quanto a este aspecto, pode-se observar que esses clientes são pessoas aparentemente possantes e requintadas pela forma como se apresentam na maneira de vestir e até mesmo pelo tipo de roupa e acessórios que compram que são produtos muito caros.

A maior parte das pessoas que frequenta esses estabelecimentos, compra roupa africana para ocasiões comemorativas e festivas (casamentos, baptizados, conferências, etc) e geralmente a compra para os fins de semana. Ocasionalmente questionava-se aos clientes o porque de comprarem a roupa africana somente para essas ocasiões. A resposta era quase sempre a mesma "... é que apesar de ser bonita e diferente, a roupa africana é muito cara e não dá para comprar e vesti-la todos os dias." O facto de ser muito cara também a transforma numa roupa para ocasiões especiais. Estas foram as opiniões recolhidas durante o trabalho empírico efectuado. Com as informações recolhidas esperase ter conseguido responder às questões que motivaram as principais inquietações deste projecto.

Neste capítulo, tentou-se demonstrar que, a proliferação da roupa africana na cidade de Maputo iniciou em meados da década de 1990 com tendência de aumentar a cada ano que passava. Paralelamente a este facto, verificou-se que o acréscimo de estabelecimentos

que comercializam este tipo de roupa, deve-se ao facto de os seus comerciantes serem, na sua maioria, estrangeiros predominantemente oriundos da Africa Ocidental, que se estabeleceram nesta cidade no período acima escrito. Tentou-se demonstrar ainda que, a qualidade e os preços de roupa africana estão distribuídos consoante determinadas zonas, influenciando sobremaneira o tipo de pessoas que veste roupa africana de melhor qualidade e o tipo que a veste mas com pouca qualidade.

Neste capítulo, falou-se também das razões que levam as pessoas a vestirem roupa africana. A maior parte dessas pessoas disse que o faz com a intenção de afirmar a identidade africana e reconheceu que esta afirmação identitária só faz sentido quando é feita em ocasiões adequadas para o efeito.

De uma maneira geral, destacou-se a proveniência da roupa africana comercializada e usada na cidade de Maputo bem como a proveniência de seus comerciantes. De entre outros aspectos, estes também justificam a predominância (na cidade de Maputo) de roupa africana de outras regiões do continente. De salientar que ainda destacou-se as razões que levam certas pessoas desta cidade a vestirem a roupa africana.

O próximo capítulo é respeitante às conclusões retiradas após a análise das informações teóricas e empíricas recolhidas.

Capítulo 5

Conclusão

Depois de se analisar o papel que a roupa africana desempenha na construção da identidade na cidade de Maputo e com isso se ter desenvolvido os contornos do processo de globalização, pensou-se em avançar a seguinte conclusão:

Nesta cidade a roupa africana começou a proliferar a partir de meados da década de 1990, tanto em pessoas que a vestem como em estabelecimentos que a comercializam.

O aumento dos estabelecimentos comerciais de roupa africana coincide com o estabelecimento de comerciantes desse tipo de roupa oriundos, na sua maioria, da região da África Ocidental. Este aspecto influencia sobremaneira a promoção e venda de roupa dessa região.

Com isso se quer dizer que, o material utilizado bem como o estilo de roupa africana confeccionado provêm de outras regiões de África (Ghana, Benin, Guiné Conacry, Togo, Mali, Nigéria, Congo, etc) e da Europa (Holanda e Inglaterra).

De salientar que, a roupa africana em muitos dos seus traços (feitos ou modelos, as cores e o tipo de tecido) é idêntica à roupa dos indianos, árabes e europeus. É aquele fenómeno que Hall e Çaglar designam de "hibridismo ou crioulização." Acontece que com a globalização, a roupa africana sofreu influências da roupa de outros povos e culturas do mundo. Assim, torna-se arriscado falar-se de roupa "tipicamente" africana, num contexto que tende cada vez mais a intensificar trocas e experiências culturais provocando uma situação de influências mútuas.

A roupa africana já contém elementos estilísticos e culturais africanos bem como de outros povos e culturas existentes no mundo. Este aspecto é notável quando se olha para esta roupa, verificando-se alguns traços estilísticos da roupa dos árabes, indianos e dos

povos ocidentais. Isto evidencia a relação dialéctica entre o "local" e o "global" que é salientada por Ortiz, Roland e outros autores.

Esta relação dialéctica entre o local e o global de certo modo, serve para reforçar o conceito de globalização definido por Giddens, o qual, destaca o facto de "...as tendências locais serem moldadas por acontecimentos que se dão a quilómetros de distância".

Esta definição e interpretação do processo de globalização pode novamente ser enquadrada naquilo que se designa de um processo que permite interações e influências mútuas entre as diversas formas identitárias distribuídas pelo mundo.

Ainda neste contexto, se destaca o facto de, a prática de vestir roupa africana como forma de afirmar a identidade africana por parte de algumas pessoas da cidade de Maputo, acontecer devido a influência de outros africanos que davam importância a esse tipo de roupa, despertando deste modo, a consciência dos moçambicanos para tal acto. Por isso, muitos moçambicanos começaram a valorizar a roupa africana quando se aperceberam que em outros países do continente e do mundo, pessoas importantes na sociedade vestiam esse tipo de roupa, evidenciando, a sua cultura e identidade.

Tendo em conta a hipótese do presente projecto de pesquisa, segundo a qual, a preferência pela roupa africana na cidade de Maputo é motivada pela necessidade que certas pessoas têm de afirmar a identidade africana em determinados contextos, pode-se afirmar que, de facto, há razões que levam as pessoas a vestir a roupa africana em determinados momentos ou ocasiões. Segundo essas pessoas, essas ocasiões são mais adequadas para o efeito pois, elas agem dessa forma acreditando que a roupa africana atribui uma identidade africana para quem a veste.

Desta forma, quando vestem a roupa africana pretendem demonstrar que valorizam a identidade africana. Nota-se que são pessoas relacionados a determinadas áreas sociais (cultural e política) pois são políticos, músicos, apresentadores de televisão e a posição

social que ocupam as obriga a demonstrar o seu apreço pela identidade africana. Este acto tem de ser adequado a ocasiões apropriadas para o efeito e de acordo com a área de especialização de cada pessoa. Assim, os políticos (deputados) a vestem durante as sessões parlamentares, visitas sociais, comícios e convívios com o povo; os músicos a vestem durante os espectáculos e os apresentadores de televisão durante a apresentação de programas culturais.

Com isso, entende-se que, vestir roupa africana bem como tocar e dançar as músicas e danças tradicionais, falar a língua materna, etc, é uma forma de demonstrar aos outros o quanto se empenham pela valorização e afirmação da identidade africana.

É por essa razão, que a roupa africana é vestida em ocasiões específicas, como sendo, espectáculos, visitas sociais, sessões parlamentares, comemorações festivas, etc, numa tentativa de satisfazer as expectativas dos outros.

Segundo Goffman, nessas ocasiões, estas pessoas tentam gerir as impressões que possam ter delas, empregando a técnica de vestir a roupa africana. Nota-se que nessas ocasiões tentam demonstrar que são dignas de representar a actividade que desempenham.

Nesse processo de vestir a roupa africana em momentos específicos com vista a afirmar a identidade africana, ocorre um fenómeno interessante, o qual, Bourdieu designa de "distinção".

Ao vestir a roupa africana, essas pessoas têm a intenção acima citada, mas, implicitamente marcam a diferença, quer dizer, essa roupa é uma forma de as distinguir das outras que não se encontram na mesma posição económica e social.

Nos músicos essa distinção nota-se na forma como a roupa é confeccionada, isto é, nos modelos e acessórios diferentes dos usuais. Para certos músicos, esta roupa é confeccionada por estilistas que aplicam no máximo a sua criatividade, fazendo modelos diferentes dos usuais, tanto no decote, folhos, corte e até mesmos nas cores.

Com os políticos, nota-se pela qualidade do tecido, o modelo confeccionado com primor, os acessórios e o tipo de bordado que geralmente é um bordado actual, designado de "bordado africano". Este é feito por uma máquina de costura importada de outras regiões do continente.

Nota-se tal distinção, pelo facto de a comercialização da roupa africana na cidade de Maputo estar distribuída de acordo com determinados critérios sócio-económicos tais como: localização espacial dos estabelecimentos que comercializam tal roupa, a qualidade do tecido e a forma de confeccioná-la, influenciando sobremaneira o seu custo e o tipo de clientes.

Nos estabelecimentos cuja roupa comercializada é de melhor qualidade, o custo da mesma é elevado. Isso acontece nos estabelecimentos localizados nas zonas Central, Polana Cimento "A" e Alto Maé. Por outro lado, nos estabelecimentos cuja roupa comercializada não é de qualidade, o custo é baixo, verificando-se esse facto nos bairros do Chamanculo "A" e Polana Caniço "A".

A distinção acima mencionada diz respeito a qualidade do tecido e na forma de confeccioná-lo sendo aspectos que influenciam no custo da roupa, quer dizer, em quem pode comprá-la e vestí-la.

As pessoas em causa vestem a roupa africana da melhor qualidade. Nos momentos que a vestem, de certo modo, estão tentando satisfazer as expectativas das outras, mas, implicitamente diferenciam-se pelas possibilidades que a sua posição social e económica condiciona.

De uma forma geral, estas foram as conclusões retiradas após a análise das informações recolhidas durante o desenvolvimento do presente projecto de pesquisa. Nestas conclusões, por um lado, destacam-se as razões que levam algumas pessoas da cidade de Maputo a optarem pela roupa africana e por outro, as consequências que todo esse fenómeno implica.

No sub-capítulo a seguir serão feitas algumas propostas sobre como tratar o mesmo assunto em outras perspectivas que não foram debruçadas neste projecto.

5.1 - Breves considerações

A análise acima transcrita demonstra a tentativa de desenvolver um projecto de pesquisa com a pretensão de contribuir na análise sobre o papel que a roupa africana desempenha na construção da identidade e, deste modo, também explorar os contornos do processo da globalização.

Por ser apenas um projecto de pesquisa (e sem recursos) não foi possível abarcar e aprofundar mais questões sobre o assunto. Assim, pensou-se que seria importante que em próximas análises se fizessem estudos mais abrangentes. Quer dizer, que se analisasse a mesma questão, em mais perspectivas. Por exemplo que se analisasse a questão da música, da comida, dança, língua e até mesmo a escolha de nomes. Sugere-se que se procure analisar o papel desses elementos na construção identitária das pessoas e quem sabe, de um povo ou nação.

No âmbito sociológico, espera-se, ter contribuído teoricamente com um tema que ressalta questões sobre a formação da identidade. Através das teses sobre a "representação" defendida por Goffman e da "distinção" defendida por Bourdieu, espera-se ter ressaltado alguns aspectos sobre a formação da identidade de determinados grupos sociais da cidade de Maputo. A partir da maneira como determinadas pessoas desta cidade (músicos, apresentadores de televisão, deputados da Assembleia da República e membros da OMM) se apresentam perante as outras no seu dia a dia; da análise de revistas "Tempo" e de estabelecimentos que comercializam a roupa africana na cidade de Maputo, permitiu retirar-se algumas conclusões que se pensa serem de importância sociológica.

Estas pessoas, ao apresentarem-se em determinados momentos publicamente vestidos com roupa africana e com a intenção de afirmar a identidade africana na sua forma de vestir, agem na tentativa de estabelecer uma correspondência entre a actividade que

desempenham nas áreas cultural e política e relacionando ao que as outras pessoas delas esperam. Neste caso, nota-se aquilo que Goffman designa de utilização de uma fachada (roupa africana) como forma de satisfazer as expectativas e convencer os outros que "ser africano" é estar assim vestido.

Por outro lado, durante este processo de satisfação de expectativas, nota-se o que Bourdieu designa de distinção. A roupa africana, para além de ser considerada pelos que a vestem, um elemento de afirmação da identidade africana é também, um elemento de distinção social. A forma de aquisição desta roupa varia, em termos de qualidade (em tecido e costura) dependendo do custo.

A melhor roupa só pode ser adquirida por pessoas que têm uma boa condição social e financeira. Neste caso, o grupo alvo do presente projecto, faz parte dessas pessoas. Este aspecto permite distinguir e, de certa forma, separar socialmente os que podem vestir roupa africana da melhor qualidade e os que não a podem vestir com a mesma qualidade.

Para finalizar, a análise permitiu identificar questões relativas a estrutura social desta cidade, isto é, identificação de grupos sociais desiguais. A partir da análise da preferência pela roupa africana, identificaram-se pessoas que partilham de certos atributos comuns colocando-os na mesma posição social e em contraposição de outras pessoas. Neste caso, o grupo objecto deste estudo partilha de uma posição social prestigiante na sociedade e em certos casos, aliada a posse de bens materiais formando uma identidade própria, diferente das demais pessoas. Segundo Bourdieu, o grupo em questão, partilha um "espaço de estilos de vida" uma vez que, tem em comum a condição social que influencia sobremaneira as suas práticas. Estas, são sinais distintivos em relação as práticas das outras pessoas. Daqui, se pode identificar dois grupos sociais distintos: o primeiro que é constituído pelo grupo em questão neste estudo, que, através das suas características pode vestir a melhor roupa africana; o segundo constituído pelas outras pessoas que não tem condições para comprar e vestir a melhor roupa africana.

Fontes

Bibliográficas

- APPADURAI, Arjun, "Disjuncture and Difference in the Global Cultural Economy" in FEATHERSTONE, Mike (ed), Global Culture – Nationalism, Globalization and Modernity. A Theory, Culture and Society Special Issue, SAGE Publications, London, Thousand Oaks, New Delhi, 1990.
- BOURDIEU, Pierre, La Distinction-Critique Sociale du Jugement, les edtions de MINUT, Paris, 1979.
- ÇAGLAR, Ayse S. "Hyphenated Identities and the Limits of Culture", in MODOOD, Tariq and Pnina Werbner (eds), The Politics of Multiculturalism in New Europe - Racism, Identity and Community, London and New York, 1997.
- DUBAR, Claude, "Une Sociologie (empirique) de L'identité est-elle possible?" In GUTH .S.(ed), Une Sociologie des Identités est-elle Possible?, Paris, 1994.
- FORTUNA, Carlos "Nem Cila nem Caribdis:" in Revista Crítica de Ciências Sociais N° 32, Saber e Imaginar, volume 1, 1º Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, Lisboa, 1992.
- FORTUNA, Carlos, O Fio da Meada – O Algodão de Moçambique, Portugal e a Economia Mundo (1860-1960), Edições Afrontamento, Centro de Estudos Sociais, Porto, 1993.
- GIDDENS, Anthony, As consequências da Modernidade, Celta Editora. Oeiras, 1998.
- GOFFMAN, Erving, A representação do Eu na Vida Quotidiana, Editora Vozes, Petrópolis, 1989.
- GRAÇA, Machado da, "Rádio: Janela para a Modernidade" in Estudos Moçambicanos, Número Especial, Centro de Estudos Africanos, Universidade Eduardo Mondlane, Maputo, 1998.
- HALL, Stuart, "The Questions of Cultural Identity", in HALL, Stuart et al (ed), Modernity and Its Futures, Polity Press in association with the Open University, 1992.

- IANNI, Otávio, A Sociedade Global, 2ª edição, Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1993.
- KASSOTCHE, Florentino Dick, Globalização. Receio dos Países em Vias de Desenvolvimento, Instituto Superior de Relações Internacionais, Maputo, 1999.
- LAKATOS, Eva Maria e Marina de Andrade Marconi, Metodologia Científica, 2ª edição, Editora Atlas, São Paulo, 1991.
- MACAMO, Elísio, "Influência da Religião na Formação de Identidades Sociais no Sul de Moçambique" in SERRA, Carlos (dir), Identidade, Moçambicanidade, Moçambicanização, Livraria Universitária, Universidade Eduardo Mondlane, Maputo, 1998.
- MEIGOS, Filimone, "Tango Globalizante ou a Quotidianidade do Marombo: a Desconstrução como Construção Contraditória" in Estudos Moçambicanos Número Especial, Centro de Estudos Africanos, Universidade Eduardo Mondlane, Maputo, 1998.
- NGOENHA, Severino Elias, "Identidade Moçambicana: Já e Ainda Não" in SERRA, Carlos (dir), Identidade, Moçambicanidade, Moçambicanização, Livraria Universitária, Universidade Eduardo Mondlane, Maputo, 1998.
- NUNES, João Arriscado, Reportórios, Configurações e Fronteiras: Sobre Cultura, Identidade e Globalização, Revista nº 43, Oficina do Centro de Estudos Sociais (CES), Coimbra, 1995.
- ORTIZ, Renato, "Mundialização, Cultura e Política" in Dowbor, Ladislau et al (eds), Desafios da Globalização, 4ª edição, Editora Vozes, Petrópolis, Rio de Janeiro, Brasil, 2002.
- PAULO, Margarida, "Modernidade e Participação na Sociedade Moçambicana" in Estudos Moçambicanos Número Especial, Centro de Estudos Africanos, Universidade Eduardo Mondlane, Maputo, 1998.
- PINTO, José Madureira, "Considerações Sobre a Produção Social de Identidade", Revista Crítica de Ciências Sociais, Nº 32, 1991.
- QUIVY, Raymond e Luc V. Campenhoudt, Manual de Investigação em Ciências Sociais, Gradiva - Publicações Lda, Lisboa, 1992.

- ROBERTSON, Roland, Globalização–Teoria Social e Cultura Global, Editora Vozes, Petrópolis, 2000.
- SANTOS, Boaventura De Sousa “ Modernidade, Identidade e a Cultura de Fronteira” in Revista Crítica de Ciências Sociais, Nº 38, Descobrimientos/Encobrimientos, Dezembro de 1993 "
- SANTOS, Boaventura de Sousa (dir), Entre Ser e Estar-Raízes, Percursos e Discursos da Identidade, Edições Afrontamento, 2001.
- SANTOS, Boaventura de Sousa (dir), Globalização - Fatalidade ou Utopia?, Edições Afrontamento, 2001.
- SERRA, Carlos (dir), Identidade, Moçambicanidade, Moçambicanização, Livraria Universitária, Universidade Eduardo Mondlane, Maputo, 1998.
- SOPA, António, “Notas Sobre a Identidade” in SERRA, Carlos (dir), Identidade, Moçambicanidade, Moçambicanização, Livraria Universitária, Universidade Eduardo Mondlane, Maputo, 1998.

Revistas

Revistas "Tempo" consultadas no período entre 1980 a 2001.

1980: 13 de Abril; 4 de Maio; 11 de Maio e 29 de Junho.

1981: 12 de Abril; 28 de Junho.

1982: 4 de Abril; 18 de Abril; 27 de Junho.

1983: 10 de Abril; 17 de Abril; 26 de Junho.

1984: 15 de Abril; 29 de Abril; 6 de Maio;

1985: 14 de Abril; 12 de Maio; 30 de Junho.

1986: 13 de Abril; 4 de Maio; 29 de Junho.

1987: 5 de Abril; 12 de Abril; 10 de Maio.

1988: 10 de Abril; 8 de Maio.

1989: 16 de Junho.

1990: 8 de Abril; 6 de Maio; 24 de Junho.

1991: 7 de Abril; 5 de Maio; 23 de Junho;

1992: 12 de Abril; 10 de Maio; 28 de Junho.

1993: 9 de Maio.

1994: 10 de Abril; 8 de Maio; 26 de Junho.

1995: 9 de Abril; 14 de Maio.

1996: 7 de Abril; 5 de Maio; 12 de Maio; 30 de Junho.

1997: 6 de Abril; 13 de Abril; 27 de Abril.

1998: 19 de Abril; 10 de Maio; 31 de Maio; 28 de Junho.

1999: 11 de Abril; 2 de Maio; 9 de Maio; 27 de Junho.

2000: 21 de Maio; 25 de Junho; 2 de Julho.

2001: 1 de Abril; 8 de Abril; 8 de Julho.

ANEXOS

Estabelecimentos que Comercializam a Roupas Africanas na Cidade de Maputo

- **Bairro do Alto Maé**

Mojak, LDA-Avenida da Zâmbia, número 186.

Pek Moçambique INT'L LDA - Avenida Eduardo Mondlane, número 3339.

Alfaiataria Irmãos Unidos-Avenida do Trabalho, número 97.

- **Bairro Central**

Power Dynamics-Avenida Karl Marx e Agostinho Neto, número 1764.

West Union LDA-Avenida Vladimir Lenine, número 531.

Galeria Rovuma-Rua da Sé, número 131.

Eddy's Boutique-Avenida Karl Marx, número 2569.

Hassman World,-Avenida Eduardo Mondlane, número 1415.

Adina Boutique-Avenida Ho Chi Min, número 820.

- **Polana Cimento A**

Hlanhla-Rua da Argélia, numero 306.

Prioridade Africana - Avenida Mártires da Machava, número 816.

- **Polana Caniço A**

Alfaiataria Pedro Fernando-Avenida Vladimir Lenine.

- **Chamanculo A**

Boutique Africana-Rua da Serventia.

Confecções Cenaisy-Avenida Irmãos Roby, número 421.

Lista de Entrevistados

- António Almão Django (Toni), vocalista do agrupamento musical Kapa Dêch.
- Rogério Fernando Nhavene (Pilecas), percussionista do agrupamento musical Kapa Dêch.
- Celso Paco, baterista, percussionista e investigador de música tradicional.
- Frederico Costa, apresentador do programa "Estámos Juntos" da Televisão de Moçambique (TVM).
- Osvaldo Caetano, apresentador do programa "Danças e Instrumentos Tradicionais" da Televisão de Moçambique (TVM).
- Ana Rita Sithole, deputada da Assembleia da República de Moçambique pela bancada parlamentar da FRELIMO.
- Zélia Muthemba Langa, Secretária da Organização da Mulher Moçambicana (OMM) na cidade de Maputo
- Teresa Chiziane, estilista Moçambicana.

